

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

SARAH RITCHELLE CRISTOVÃO DE SÁ

**A MULHER NO CANGAÇO:
UM OLHAR PARA ALÉM DE MARIA BONITA (1930-1938)**

Delmiro Gouveia - AL

2020

SARAH RITCHELLE CRISTOVÃO DE SÁ

**A MULHER NO CANGAÇO:
UM OLHAR PARA ALÉM DE MARIA BONITA (1930-1938)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao programa de Graduação em Licenciatura Plena em História da Universidade Federal de Alagoas – Campus Sertão, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador (a): Profa. Dra. Maria Aparecida Silva

Delmiro Gouveia – AL

2020

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S111m Sá, Sarah Ritchelle Cristóvão de

A mulher no cangaço: um olhar para além de Maria Bonita (1930-1938) / Sarah Ritchelle Cristóvão de Sá. – 2020.

66 f. : il.

Orientação: Profa. Dra. Maria Aparecida da Silva.
Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de História. Delmiro Gouveia, 2020.

1. História – Brasil. 2. Cangaço. 3. Coronelismo. 4. Protagonismo feminino. 5. Mulher. I. Título.

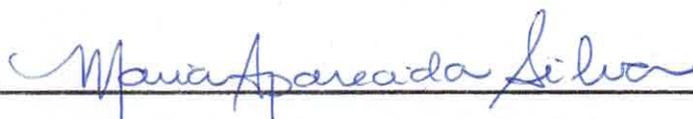
CDU: 981:347.156

Folha de aprovação

AUTORA: SARAH RITCHELLE CRISTOVÃO DE SÁ

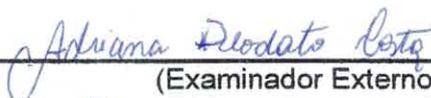
**A MULHER NO CANGAÇO:
UM OLHAR PARA ALÉM DE MARIA BONITA (1930-1938)**

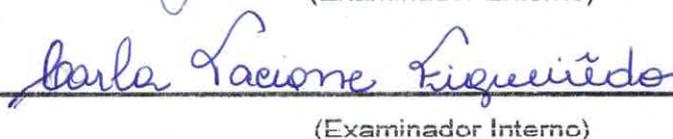
Trabalho de conclusão de curso submetida ao corpo docente do Programa de Graduação em Licenciatura Plena em História, na Universidade Federal de Alagoas – Campus Sertão, e aprovada em 13 de 02 de 2020.



Profª Drª Maria Aparecida Silva

Banca Examinadora:


(Examinador Externo)


(Examinador Interno)

Dedico a Deus, Maria, meus pais, meus avós,
demais familiares, amigos e todos que me ajudaram
de forma direta e indiretamente.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus e à Maria por sempre estarem comigo nos momentos felizes e tristes de minha vida cuidando de mim, da minha alma, por serem minha fortaleza e amparo. Aos meus pais Rubens de Sá e Simone Cristovão de Sá e ao meu irmão Rubens de Sá Filho, por me apoiarem, incentivarem a realizar meus sonhos e serem meus grandes amigos. À minha avó materna, Reginalda Cristovão Vasco (*in memorian*), pernambucana do interior, forte, resistente e empoderada (mesmo sem ter o conhecimento científico da palavra e do que ela representa), que mostrou em sua trajetória de vida a luta e dificuldade da mulher no Sertão que sustentava a casa, era maltratada pelo marido, ficou viúva jovem e conseguiu criar os cinco filhos com muitas dificuldades, mas venceu e vivenciou muitas alegrias comigo e com nossa família e muito contribuiu com seus ensinamentos de vida e assim me incentivou a sempre preservar a alegria de viver e a não desistir. Aos meus avós paternos, João Gomes de Sá (*in memorian*) e Maria São Pedro de Sá, nordestinos, descendentes indígenas e ela, sobrinha de um cangaceiro do interior da Bahia.

Gratidão ainda aos meus amigos e amigas que de alguma forma me apoiaram, fizeram parte de inúmeros momentos que serão inesquecíveis, a todos que me incentivaram a concluir o presente trabalho, bem como aos colegas e amigos da trajetória acadêmica por tantas experiências vividas e momentos ímpares, especialmente a turma de 2014.2 pelas alegrias, dificuldades e conquistas durante os anos de convivência diária, ao equipamento cultural da UFAL campus sertão, Grupo de Cultura Negra Abi Axé Egbé que tive o prazer de participar, aprender e viver momentos incríveis, enfim, ressalto que todos estão marcados na história de minha vida e os levarei em minha memória e coração.

Meus sinceros agradecimentos ainda aos pesquisadores e amigos que me disponibilizaram textos, trabalhos, pesquisas, livros, enfim, fontes que contribuíram para a pesquisa; ao amigo estudante universitário Irlan Alves, Samyres Silva, Talita Cordeiro e ao Professor Dr. Edvaldo Nascimento que, além disso, abriu as portas de sua casa e de seu acervo bibliográfico para o desenvolver de minha pesquisa.

Por fim, agradeço à minha orientadora Professora Dr. Maria Aparecida, por tamanha paciência e persistência para comigo, por tantos ensinamentos e direcionamentos

importantes, sou muito grata por tudo o que aprendi. Meu apreço e estima, a levarei por toda a vida, bem como aos demais professores que passaram pela minha trajetória acadêmica.

“A contradição não encontra solução nesse regime. Ela admite a superação, o que exige transformações radicais no sentido da preservação das diferenças e da eliminação das desigualdades, pelas quais é responsável a sociedade.” (SAFFIOTI, Heleieth)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender a presença feminina no cangaço entre os anos de 1930 a 1938, analisando as relações de gênero e poder do homem na sociedade nordestina que foi refletida no cangaço. Buscamos apresentar o protagonismo feminino através das mulheres que participaram desse Movimento, a exemplo de: Maria Bonita, Adilia, Dadá, Lídia e demais integrantes, tendo como finalidade dar voz e visibilizar outras mulheres; compartilhar informações sobre esse momento e essas presenças, bem destacar a representatividade da mulher nordestina através delas que foram também protagonistas na história cultural, nordestina e brasileira.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, procuramos compreender o contexto em que se deu o Movimento Cangaço, a participação das mulheres e como isso afetou a história social e cultural do Nordeste. Para isso, a prioridade foi utilizar informações e pesquisas atualizadas através do método histórico crítico, fontes bibliográficas, trabalhos de autores que discutem sobre cangaço, relações de gênero, poder, presença feminina no cangaço e outras questões relacionadas ao protagonismo feminino, bem como imagens jornalísticas, História oral através de reportagens, entrevistas e documentários a respeito do período social, cangaço, mulheres nordestinas e as que participaram do movimento.

Palavras – chave: Coronelismo. Movimento Cangaço. Protagonismo Feminino.

ABSTRACT

This paper aims to understand a female presence between 1930 and 1938, analyzing how gender relations and power of man in the Northeastern society that was reflected in the cangaço. Seeking to present or lead women through the women who present this movement, for example: Maria Bonita, Adília, Dadá, Lídia and other members, being able to demand a voice and make other women visible; share information about this moment and these presences, as well as highlight the representativeness of Northeastern women through them who were also protagonists of cultural, Northeastern and Brazilian history.

For the development of this research, we seek to understand the context of the Cangaço Movement, the participation of women and how it affected the social and cultural history. For that, a priority was to use updated information and research using the critical historical method, bibliographic sources, works by authors who discuss gender, gender relations, power, female presence in gender and other issues related to female protagonism, as well as journalistic images, Oral history through reports, interviews and documentaries in relation to the social period, kangaroo, northeastern women and how the movement did.

Keywords: Coronelism. Cangaço Movement. Female Protagonism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Os trágicos troféus de Angicos-----	29
Figura 2: Cartaz de recompensa -----	30
Figura 3: Carta de reconhecimento de Lampião para o fotógrafo Benjamim Abrahão - -----	31
Figura 4: Notícia da morte de Benjamim Abrahão-----	33
Figura 5: Cangaceiro Corisco e Dadá, sua companheira, com a cachorra Jardineira-- -----	45
Figura 6: Quadro com o nome, apelido e origem das mulheres integrantes do cangaço e nome e apelido dos companheiros-----	49

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. CORONELISMO E CANGAÇO NO SERTÃO	
1.1 CORONELISMO NO SERTÃO	18
1.2 CANGAÇO E ALGUNS RELATOS.....	24
1.3 O CANGAÇO NA MÍDIA	30
2. A MULHER NO CANGAÇO: DIFICULDADES, ENFRENTAMENTOS E VOZES	
2.1 PRESENÇA FEMININA NO CANGAÇO	35
2.2 RELAÇÕES DE GÊNERO E PODER NO CANGAÇO	39
3. CANGAÇO FEMININO	
3.1 AS INFLUÊNCIAS FEMININAS ANTES E DEPOIS DO CANGAÇO.....	47
3.2 PROTAGONISMO DAS MULHERES NO MOVIMENTO CANGAÇO E NA SOCIEDADE NORDESTINA	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	63

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema: A mulher no cangaço: Um olhar para além de Maria Bonita (1930-1938), pesquisa foi suscitada através de uma inquietação pessoal sobre a mulher no cangaço, por ser um assunto pouco comentado e pesquisado. Iniciou – se com alguns questionamentos: quem eram essas mulheres que fizeram parte de um cangaço tão marcado pela presença masculina? O que faziam? Quais impactos na sociedade foram causados pelas integrantes do cangaço? E de que forma ainda estão presentes na atualidade?

Dessa forma, o estudo sobre essa temática tem como intuito melhor compreender a mulher que esteve presente no cangaço no período temporal de 1930-1938, tendo em vista as relações de gênero e poder do homem que eram notórias na sociedade nordestina, com predominância do patriarcado, da busca pela afirmação da masculinidade, onde Bordieu (1999) vai destacar que essa afirmação também era expressa principalmente pelo uso da violência, agressividade, competitividade que fora refletida também no cangaço, bem como dar voz à mulher nordestina e seu perfil representada através da valentia de Maria Bonita, Dadá, Sila e demais mulheres que participaram do cangaço, levando em questão o outro lado de suavidade feminina ao se preocupar com o companheiro e os integrantes do bando, a preocupação que elas tinham com a estética, como eram expostas na mídia, cordéis e na cultura nordestina. Aspectos esses que ainda hoje chamam a atenção de pesquisadores e de alguns membros da sociedade e são capazes de provocar questionamentos sobre a mulher no cangaço. A finalidade é destacar e compartilhar informações sobre esse fato histórico em que fizeram parte também como um sujeito principal da história.

Ao falar sobre o cangaço¹, o que vem em mente são pensamentos em relação às violências, o banditismo, Lampião e Maria Bonita, representantes mais

¹O Cangaço foi um movimento brasileiro de origem nordestina, que ocorreu em meados do século XIX ao XX, predominante com presença masculina, até a entrada de Maria Bonita e outras mulheres nos anos finais do cangaço de Lampião (1930-1938). Aconteceu por questões sociais e fundiárias do Nordeste, onde grupos ou indivíduos assaltavam fazendas, sequestravam coronéis proprietários de grandes fazendas e gados, saqueavam comboios e armazéns. Caracterizava-se por seus componentes não terem uma moradia certa e viverem andando por terras, praticando esses crimes e espalhando medo pelo sertão nordestino. Aqueles que respeitavam e obedeciam às ordens deles não eram prejudicados e muitas vezes eram até ajudados. Atitudes assim faziam com que eles fossem respeitados e até mesmo admirados por parte da população. (CADORE, Gabriela/ JESUS, Mateus de. BLOG/TUDOSOBREOCANGAÇO/2008).

conhecidos do cangaço e claro, o sertão nordestino. Era comum no Nordeste, inclusive até hoje, as pessoas serem chamadas não pelo nome de registro e sim por apelidos criados pela família e/ou amigos, então cada integrante do cangaço era tratado por apelido.

Destaca-se também a ostentação e a relação de poder na sociedade local. A ostentação, por sempre possuírem e buscarem riquezas, ouro, prata, roupas caras e luxuosas, grande extensão de terras, animais, armamentos e a relação de poder estendiam-se no domínio dos espaços onde possuíam tais riquezas, pessoas como propriedade, pertencimento e principalmente as mulheres da família.

Segundo informações do Jornal Nexo (2015), o cangaço foi um fenômeno social, político e cultural que esteve presente em grande parte no Nordeste, com exceção do Piauí e Maranhão nos séculos XIX e XX. Andavam armados e em grupos de “bandoleiros”, cometiam crimes e vendiam proteção em uma região composta por uma sociedade predominada por agricultores poderosos, maioria coronéis e também pelo Estado, que se utilizavam da polícia para amedrontar a todos com o abuso de poder.

O cangaço surgiu com o intuito de resistir a essa sociedade composta por imposições e injustiças cometidas por parte dos poderosos principalmente da polícia, a fim de vingarem-se fatos da infância. Tinham como principais características as cores vibrantes que utilizavam, lenços, joias de ouro e prata, roupas de couro, enfim, uma diversidade de acessórios e cores.

Cangaceiro não vive só de briga. Lampião sabia tocar uma gaita de oito baixos. E seus homens gostavam de dançar. Havia preferências pelos enfeites de ouro, muitos levavam moedas esterlinas no chapéu. Ah, era bonito. E o perfume, então? Todos usavam. E não economizavam.
(Depoimento do Cangaceiro Balão, jornal Brasil de fato, 2018)

Para participar do cangaço o sujeito precisava ter consciência do que se passava dentro desse movimento. Não era tarefa fácil, de acordo com o Jornal Brasil de fato (2018), era uma vida de guerra e morte eminente. Destacam também o modo que a tropa caminhava, sempre perfumados e cantando músicas. Orgulhavam – se da cultura sertaneja, ostentavam riqueza que conseguiam dos poderosos que

assaltavam e principalmente o cangaço apresentava expressões de “cultura, descoberta, violência, aprendizado e uma lição sobre um povo rico e valoroso”.

Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, foi o cangaceiro mais lembrado por todos. Ele é natural de Vila Bela, atual Serra Talhada, nasceu no dia 07 de julho de 1897, na Fazenda Passagem. Seus pais eram José Ferreira e Maria Selena da Purificação.

Sua vida quando jovem foi marcada pelo trabalho amansando burro e capeando gado, além de ser um grande artesão. Negociava na feira e em mercados da cidade e da região os objetos de couro e artes confeccionados por ele.

Desde nascença tinha uma doença no olho direito, uma mancha branca, que dificultava a visão e posteriormente ficou cego, como vai relatar Silva:

Tinha o olho direito doente de nascença e uma nódoa embranquecida cobria o globo ocular, sendo que só muitos anos mais tarde é que ficou cego deste olho. Porém, em 1925, em pleno tiroteio, nas imediações de Sítio dos Nunes, um garrancho de jurema atingiu o mesmo olho que já se apresentava ser doentio e agravou-se até cegar definitivamente. (Silva, 2010, p.09, *apud* SOUZA, 1962, p. 205)

De acordo com Silva (2010), foi em um confronto armado com o fazendeiro José Saturnino, com o irmão mais velho ferido, Antônio, que a família Ferreira começou a andar armada. Mudaram-se para a cidade chamada Poço Negro em 1917 e acabaram se envolvendo em outra confusão com o fazendeiro anterior por causa de provocações dele. Depois disso, partiram para a cidade de Água Branca, Alagoas.

Foi em Água Branca que Lampião e seus irmãos passaram a fazer amizade com alguns cangaceiros da Família Porcino, começando a vida no cangaço. Porém, só três dos quatro irmãos decidiram participar além de Virgulino: Antônio, Ezequiel e Livino. Quando atacaram² a vila de Pariconha, a polícia invadiu a casa da família Ferreira e matou o pai deles, seu José. Pouco tempo depois a mãe Maria morreu de desgosto. Daí em diante, os irmãos aprofundaram – se ainda mais na vida do cangaço, a fim de vingar a morte dos pais. Juntaram – se com os Porcino e o bando

²Silva, Olímpio Oliveira E. A Mulher no Cangaço De Lampião, Jussara, Go- Ufeg, 2010.

de Antônio Matilde e eram perseguidos pelas volantes, que eram grupos de policiais que iam atrás especialmente dos cangaceiros.

Virgulino foi eleito chefe do grupo dos cangaceiros ao conquistar a confiança do antigo chefe chamado Sebastião Pereira- “Sinhô Pereira”. Silva (2010) vai relatar que só conseguiu porque Lampião matou um soldado e dois sargentos. Em 1922, o chefe se ausenta do grupo e os cangaceiros elegem Virgulino para ser o novo líder, para seguirem as ordens e ter a valentia e a coragem como exemplo a ser seguido, sendo a base de sustentação do grupo.

Segundo Oliveira (1970), Lampião nasceu da referência em relação ao seu “rifle”, que é um tipo de arma de fogo, ao procurar o cigarro que caíra em uma das batalhas, com o cano e ao disparar para baixo acendia um clarão, que ele gritou: “Lampião! Acende lampião”. Tomando assim fama por esse apelido.

[...] Sabia ser astuto, sutil, autoritário, audacioso e diplomata. Tinha amigos e inimigos, tendo como protetor grandes coronéis e políticos. Vagou pelos sertões nordestinos cometendo atrocidades. Aquele era o seu mundo, um mundo de vingança e de abandono. O perdão não era um de seus sentimentos mais corriqueiros e o ódio alimentava sua alma, principalmente contra a polícia. (Silva, 2010, p.11)

O grupo dos cangaceiros sentia orgulho pela audácia e coragem, pela aventura e perigo que enfrentavam. Lampião e seu bando eram assim, considerados por muitos como “os justiceiros”, já por outros, “bandidos”. Entre os sertanejos despertava o fascínio e o medo. Sendo considerado também um mito do sertão. Sobre ser o mito, Gomes (2008) aborda que além de permanecer na história, o cangaceiro consegue se deslocar dela.

O cangaceiro é um personagem que se enraíza na história, mas que consegue se descolar dela. Por isso se transformou em um mito. O mito pode servir para qualquer discurso, sobretudo quando você tem valores positivos para associar a ele. O cangaceiro é o justo, o corajoso, quando a situação propicia a isso. Quando não, ele simplesmente aplica a lei dele, que é a lei do direito natural.

(Gomes, Hackmayer e Primo, 2008, *apud* Heffner, Hermani, 2008. p.16)

Embora tendo essa controversa de justiceiros e bandidos, principalmente por serem expostos na mídia apenas nas ações que eram relatadas por militares e coronéis aos repórteres, o cangaço continua sendo lembrado de forma violenta e também tendo destaque com protagonismo principalmente no cinema, literatura,

música, danças, dentre outras expressões de história, arte e cultura, que também chama a atenção de pesquisadores que buscam corroborar e contribuir com as pesquisas existentes e levantando novos questionamentos e fontes.

Levando em consideração o que foi citado anteriormente, é possível perceber que a cultura sertaneja é vasta e foi apresentada no cangaço através da luta, resistência, valentia de mulheres e homens e também de uma estética rica em detalhes que caracterizam o Nordeste brasileiro e o movimento.

Fatores estes que, segundo Amaury (2011), chamaram atenção através também da presença feminina a partir do fim dos anos de 1930, com a decisão e aceitação dos cangaceiros, mais precisamente de Lampião, em relação à presença feminina através de Maria Gomes de Oliveira, a então conhecida como Maria Bonita e junto a ela, a ex cunhada Mariquinha.

Mulheres que eram tidas como sensíveis, frágeis e que desde a infância eram ensinadas as atividades de casa, passaram a integrar o cangaço, mostrando que podiam também fazer parte de um movimento que era diferente de todos já vistos, mesmo com todas as características e dificuldades apresentadas. Através delas, abriu-se espaço para outras mulheres que se identificavam e/ou aprendiam a viver essa realidade ao integrarem o bando.

Partindo dessa explanação, interligaremos sobre o cangaço e seus personagens no Sertão e, posteriormente, buscaremos compreender a presença da mulher nesse ambiente em que ela não é citada inicialmente e que, com o tempo, foi tomando espaço. Amaury (2011) considera que esse marco e seus personagens tiveram o seu nome gravado na História.

Para isso, buscou-se compreender e analisar a realidade social e política que existiam durante o período temporal em questão (1930-1938), realidade e período marcado pela presença feminina no cangaço. Porém, partiremos de um dos fatores determinantes para a existência do movimento cangaço e término do mesmo, através da presença e participação dos coronéis e do sistema coronelista³, incluindo

³Coronelismo, Segundo LEAL (1948), foi uma parte do sistema e ao mesmo tempo o sistema, era desenvolvido através das relações de poder, presente desde a Primeira República, (1889-1930). Perdurou a partir do município (Estado), tornando-se acordo político do coronel com a república, envolvendo compromissos recíprocos.

as realidades e comparando com o coronelismo moderno, que está presente ainda nos dias atuais através das formas de governo que prejudicam os mais pobres principalmente no período das eleições, as práticas de afirmação de poder onde quem possui mais terras e dinheiro, por exemplo, tem mais autoridade. Também com atitudes que vão de encontro à liberdade da mulher como a de expressar-se e tomar atitudes, sendo assim uma forma de conservar o patriarcado.

. Ainda, o protagonismo feminino no âmbito social, cultural, apresentando também através de algumas cantigas que eram utilizadas pelo bando, cordéis e imagens, as formas de atuação e proteção das mulheres junto aos cangaceiros e principalmente quais mudanças podem ser notadas através da participação delas.

Este trabalho tem como metodologia a pesquisa qualitativa, que busca compreender as particularidades e ações de um determinado grupo estudado.

"[...] conceituamos abordagem qualitativa ou pesquisa qualitativa como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação." (OLIVEIRA, Maria, 2012, p.37).

Para isso, será aplicada a pesquisa bibliográfica, que possibilita a utilização de diversas fontes, revistas, livros, artigos, documentos e outros, a fim de formar uma base teórica para o tema de estudo. A pesquisa bibliográfica, segundo Santos (2003), é indispensável para estudos históricos.

Utilizaremos ainda História Oral, principalmente com os recursos de documentários e entrevistas que contribuirão para um melhor desenvolvimento da pesquisa, visto que muitos dos personagens contidos nesse âmbito histórico estudado foram entrevistados e tiveram sua trajetória contada através de documentários e filmes sobre a mulher e o Cangaço. Tendo como contribuição a visão de PORTELLI (2000), que defende a utilização da história oral como uma forma de pesquisa que estuda a memória dos indivíduos, onde através dela é possível revelar eventos até então desconhecidos a conhecidos, propondo a explorar áreas novas. A História oral possui uma característica única, embora com alguns riscos, que é a da subjetividade, ou seja, fazer com que o sujeito pense através do individual e do seu íntimo, segundo PORTELLI (1997).

O trabalho está dividido em três capítulos, além da introdução e considerações finais. O primeiro capítulo visa abordar a questão social e política da década de 30,

contextualizando o cangaço no sertão, os integrantes, tendo em vista abordar os principais pontos desse movimento entre 1930 a 1938, partindo da análise sobre a prática coronelista no sertão, participação dos coronéis no movimento, estes que eram o grande alvo do movimento Cangaço pelas práticas consideradas injustas, mas foram eles que, ao mesmo tempo, deram suporte aos cangaceiros durante a existência ativa do movimento e também foram um dos, senão o principal, contribuinte para o fim do cangaço ao entregarem à polícia o local onde o bando de Lampião e Maria Bonita estavam escondidos, na fazenda Angico, em Sergipe, dia 28 de Julho de 1938, ocasionando na chacina deles e de alguns do bando que ali estavam. Com isso, partiremos da visão dos autores Victor Nunes (1980), José Murilo de Carvalho (1996), Anildomá Willans de Souza (2004) e do autor Antônio Amaury Correia de Araújo (2011).

O segundo capítulo terá uma abordagem mais específica ao proposto no tema, onde abordaremos a presença feminina no cangaço, tendo como ponto de partida os questionamentos: como e quem eram essas mulheres que se enveredavam no sertão e no cangaço? Que papéis exerciam nesse movimento? Para ampliar nossa abordagem estaremos discutindo as relações de gênero e poder, contexto social e demais aspectos que chamam a atenção sobre a mulher. Utilizaremos as obras de Antônio Amaury Correia de Araújo (2011) e a de Adriana Negreiros (2011), Heleieth Iara Bongogiovani Saffioti (2004), Pierre Bourdieu (2002) e algumas entrevistas e documentários de personagens que fizeram parte do contexto do cangaço de Lampião e Maria Bonita, extraídos da internet.

Finalizando com o terceiro capítulo, onde serão abordadas as influências que tiveram e as dificuldades que enfrentaram as mulheres do cangaço, fazendo uma comparação da vida delas antes e depois da presença no cangaço, bem como as influências destas depois do período do cangaço e o protagonismo das mesmas em um âmbito tão predominado de presença masculina, tendo como chefe (mandante, chefe) o Virgulino, conhecido como Lampião, o Rei do cangaço utilizando de documentários, reportagens e principais obras norteadoras como a de Anildomá Willans de Souza (2004) e Adriana Negreiros (2011).

Este trabalho abre caminho para que outras pesquisas possam surgir tendo como referência o protagonismo das mulheres no cangaço, visando contribuir para a história nordestina, brasileira e mundial, até porque é um tema que está presente em muitos lugares tanto para estudo como na cultura brasileira. Souza (2004) vai

afirmar que o “cangaço sempre foi fonte de inspiração para a cultura nos mais diversos aspectos. Na música, na poesia, no cinema, no teatro, na dança vê-se que este é um dos temas mais explorados.” (SOUZA, 2004, p.128)

A pesquisa foi realizada através da utilização de referências mundiais e regionais, priorizando as fontes atuais com a finalidade de repassar conhecimentos de pesquisas novas acerca do Cangaço e principalmente sobre o protagonismo feminino, ocorrido nesse movimento que teve início e fim no Nordeste brasileiro.

1. CORONELISMO E CANGAÇO NO SERTÃO

1.1 CORONELISMO NO SERTÃO

O sistema coronelista era um dos modelos de governo atuante e presente no sertão nordestino, especificamente entre os anos de 1930 a 1938. Tiveram muitos componentes, desde fazendeiros a representantes políticos do Estado. Contavam também com a ajuda de militares e as suas práticas foram marcadas pela forma de autoritarismo excessivo para com os mais pobres na sociedade. Modelo este que foi considerado um dos grandes motivos para as ações e revoltas dos cangaceiros em grande parte do Nordeste.

A década de 1930 foi marcada por diversos fatos sociais no país. No Nordeste a sociedade sofria com a repressão e práticas coronelistas, porém, nessa década houve uma perda na autoridade dos coronéis com a morte de um dos principais representantes da Bahia, Horácio de Matos, em 1930, que no ano de 1937 foi registrado o fim do autoritarismo coronelista com a chegada de um novo regime no país, implantado por Getúlio Vargas, o Estado Novo ⁴.

Vale ressaltar que os coronéis e cangaceiros foram, posteriormente, considerados “coiteiros”⁵ uns dos outros, ou seja, acobertavam-se em algumas ações, a grande maioria, escondia-os em sua propriedade, disponibilizava armamentos, roupas, alimentos, enfim, o que precisassem.

Partindo da análise da palavra “coronelismo”, significa ação político social realizada principalmente por proprietários rurais e burgueses. Prática presente no Nordeste, considerado grande marco do período da existência da Primeira

⁴**Estado Novo** foi um regime ditatorial, no governo de Getúlio Vargas, instituído em 10 de novembro de 1937. Ele governava desde o dia 3 de novembro de 1930; com a instabilidade política no país, Vargas assinou a carta constitucional. Esse documento tinha caráter corporativista e chancelava a centralização do poder executivo na administração política e econômica do país. Em 10 de novembro de 1937, o congresso Nacional foi fechado por Vargas, e a Constituição elaborada por Francisco Campos passou a vigorar. Desse modo, instaurou-se o regime autoritário do **Estado Novo**. (Rodrigues, Natália, 2017. Publicado no site: Infoescola)

⁵“[...] a polícia chama de “coiteiros” todas as pessoas que, de alguma forma, ajudam os cangaceiros. Os residentes no interior do sertão – moradores, vaqueiros e criadores, por exemplo – se inserem, também, nessa categoria.” (GOMES, HACKMAYER e PRIMO, 2008, p.17)

República. Segundo Souza (2009), a designação “coronel” veio do Império, quando os grandes proprietários de terras e outros bens, para solidificar seu poderio – adquiriam comprando esse título da guarda Nacional. Entre 1889-1930, estes 50 anos de história foram marcados a princípio pelo controle social e econômico através de Coronéis, por serem grandes proprietários de terras, de animais, terem o domínio da agricultura, dentre outros poderes.

A princípio, Lurdes (1986) defende que o sistema coronelista assume apenas formas diferentes dentro dos contextos históricos mudando suas práticas de acordo com as necessidades vigentes de determinada sociedade. Já para Carvalho (1996) e Leal (1980), o coronelismo é uma parte do sistema e ao mesmo tempo, por ter como componentes representantes de sistema político também, partindo do próprio município. “O coronel entrou na análise por ser parte do sistema, mas o que mais me preocupava era o sistema, a estrutura e a maneira pelas quais as relações de poder se desenvolviam na Primeira República, a partir do município” (LEAL, 1980, p. 3).

Segundo Souza (2009), o coronel tinha grande influência nas eleições. Com isso, é possível perceber que esse sistema perpetua-se até hoje, de outras formas, através das ações e discursos que acontecem na política, principalmente nas rádios, tvs, internet e demais meios de comunicação como forma de ludibriar, ou seja, enganar a população apresentando uma nova forma de “democracia” onde, na verdade, o que vai valer para eles é a retribuição, o que o outro pode oferecer para conseguir colocá-lo como destaque.

O coronelismo retrata-se com uma curva tipo sino: surge, atinge o apogeu e cai num período de tempo relativamente curto. O mandonismo segue uma curva sempre descendente. O clientelismo apresenta uma curva ascendente com oscilações e uma virada para baixo nos últimos anos. (CARVALHO, José Murilo, 1996, p.4)

Leal (1980) ressalta que o coronelismo é o resultado de superposição das formas desenvolvidas do regime representativo à economia e sociedade inadequada. Não é apenas uma forma de sobrevivência do poder privado, desde o período colonial, é antes de tudo uma forma de mostrar o poder através de um regime político com base representativa.

Ainda, Chiavenato (2014) também segue esse pensamento justificando o ao período histórico marcado pela invasão dos mesmos ao sertão, através de roubos dos bandeirantes conquistando objetivos e fazendo trocas, mesmo assim foram considerados como heróis para alguns, porém para outros, integrantes do “banditismo oficial”.

Leal (1980) afirma que isso era possível porque os coronéis estavam no poder e poderiam contratar “jagunços⁶ e bandoleiros⁷ para reprimirem as populações rurais”. Sendo considerados como heróis os “barões” e os que invadiam as terras dos outros coronéis.

Para Leal (1980) ainda, através da troca de proveitos entre o poder público e os chefes locais (senhores de terra), o interior do Brasil se destaca na sustentação desse poder que se alimentam do poder público e da sociedade local, tendo assim um compromisso que resulta ainda mais no sistema coronelista, bem como o mandonismo, o filhotismo, falseamento de voto, desorganização dos serviços públicos locais e outros.

Com a presença das faculdades no Brasil, os médicos e advogados foram se espalhando pela região. Assim, os chefes políticos municipais e os coronéis não ocupavam toda parte do poder, que se concentrava nos que exerciam essas profissões, mas ao mesmo tempo ele continuava presente porque os que conseguiam adentrar ao ensino superior eram parentes ou afins e/ou aliados políticos dos coronéis.

Como a grande força eleitoral era o chamado “voto de cabresto⁸”, estes que são valorizados por se utilizarem de prestígios políticos, terem poder e colaborar com a economia local. Sendo considerado “natural” quando, durante o tempo das eleições, os dependentes do coronel tenham rixas e desavenças com os demais

⁶Jagunço era um homem violento convidado por fazendeiros e homens do poder, para praticarem repressões. (dicionário online/
https://www.google.com/search?rlz=1C1RRWD_enBR842BR842&q=Dicion%C3%A1rio#dobs=bandoleiro)

⁷Bandoleiro, homem que pratica assaltos, roubos; ladrão. (dicionário online/
https://www.google.com/search?rlz=1C1RRWD_enBR842BR842&q=Dicion%C3%A1rio#dobs=bandoleiro)

⁸O voto de cabresto, segundo Leal (1997), era uma forma de legitimar o poder dos senhores de terra pelas trocas de favores com a comunidade, principalmente no período eleitoral onde os coronéis e senhores de terra indicavam os candidatos que estavam apoiando e o cidadão rural tinha que elegê-lo como forma de preservar as trocas de favores.

políticos e os que o apoiam. Também tinha sob o “domínio” os policiais que podem, com o tempo, tornarem-se capangas ou agregados deles, onde a ascendência dependia da qualidade de proprietário rural.

Outro aspecto importante é sobre os coronéis que não possuíam disponibilidade financeira, tinham apenas estruturas, terras, gados, casas, cortejam bancos e credores para conseguirem êxito em seus lucros. Uns conseguiam manter-se com o que produziam primando pelo conforto. Coronel é o homem rico, considerando não só o poder aquisitivo e sim a terra, o gado e dos meios para obter o financiamento. Estes que em momentos difíceis, ao estarem com dívidas, iam em busca de troca de materiais, comidas, demais necessidades, ou até mesmo dinheiro emprestado. Para Leal (1980) era uma prática contínua no sertão e que hoje só tomou proporções e formas diferentes.

Quatro modelos se destacam nesse período e são relatados pelos dois autores. O primeiro, Coronelismo; O Segundo, Mandonismo; o terceiro, Clientelismo e o quarto, Filhotismo, este que fora tratado pelo autor Leal, que é onde convocam – se agregados para fazerem parte da organização municipal, bem como a distribuição do dinheiro, bens e serviços nas “batalhas eleitorais”. Modelos estes considerados um dos fatores principais das ações dos cangaceiros.

O “mandonismo” para Leal (1980) está presente na busca aos adversários, onde tem a presença da sistemática recusa de favores dos adversários para com os que se destacam, principalmente nas eleições. Prevalecendo a consideração pessoal dos eleitorados, que tem que haver quando o coronel passa a governar, caso isso não aconteça e ele sofra alguma “desconsideração pessoal”, passa a ser um motivo para a sua ruptura.

Já para Carvalho (1996) o mandonismo não se encaixa como sendo um sistema e sim como uma “característica da política tradicional” e que “o mandão” é o coronel que controla as terras e exerce o domínio também de pessoas.

O mandão, o potentado, o chefe, ou mesmo o coronel como indivíduo, é aquele que, em função do controle de algum recurso estratégico, em geral a posse da terra, exerce sobre a população um domínio pessoal e arbitrário que a impede de ter livre acesso ao mercado e à sociedade política. O mandonismo não é um sistema, é uma característica da política tradicional. (CARVALHO, José Murilo, 1996, p. 2)

O clientelismo é muito usado quando os autores estrangeiros, a exemplo do Benno Galjart (1964; 1965), indica um tipo de relação entre atores políticos que envolvem concessões de benefícios públicos, na forma de empregos, benefícios fiscais, isenções, em troca de apoio político, principalmente na forma de voto. Então, o clientelismo é uma forma de relações de grandes sistemas políticos, sendo considerada de natureza coronelista. Porém, quando tratada no perímetro urbano, ela aparece sem a presença do coronel, dono de terra e sim de atores políticos.

Com tudo, é possível compreender e destacar que o coronelismo tem como aspecto importante a reciprocidade entre os chefes municipais e entre os próprios coronéis, seja no aspecto financeiro, empregatício e ainda no apoio policial. Para Leal (1980), o coronel “é um cofre das graças e o poder da desgraça”. Ao mesmo tempo, é notório que o Estado e o Coronel dependem um do outro para se manterem vivos e funcionam juntos, principalmente para o coronel que ao não “obedecer” ao Estado, ter o seu poder ameaçado e vice-versa.

Podemos citar o Sertão do Nordeste, por exemplo, que é localizado no interior do país e na década de 1930 muitas vezes não recebiam investimentos federais por ser afastado das capitais, mesmo com as constituições que por lei garantiam o desenvolvimento econômico e social (Constituição de 1891) e os direitos sociais (Carta Constitucional 1934). Foi o lugar mais afetado nos períodos de crises sociais e econômicas, marcados por tantas dificuldades, principalmente pela centralização do poder entre os que tinham destaque na sociedade pelo auto recurso.

Porém, com o descontrole das situações econômicas e sociais, resultou em situações desagradáveis para a sociedade, levando em consideração que um pai e/ou mãe de família e/ou qualquer indivíduo que precisa sustentar a si e aos que com ele estão, precisam ir em busca de melhoras em outros lugares de diversas formas.

Segundo Luz e Santin (2010), foi através de uma das formas de poder coronelistas, o clientelismo, que o setor político na história brasileira foi prejudicado pelo funcionalismo, onde familiares e amigos eram beneficiados com cargos públicos mesmo sendo desqualificados para atuar em tais cargos.

Sendo possível compararmos com as atitudes nepotistas, por esse motivo ainda presente, porém, vão se adequando e aprimorando com a realidade atual,

tanto na política do sertão como no país. Mesmo o nepotismo sendo registrado como crime na Constituição de 1988 e no decreto presidencial de 2010 (nº7203) emitido pelo então presidente Luís Inácio Lula da Silva, é possível perceber essa prática nos dias atuais.

Veja-se que o clientelismo da época pode ser comparado com as atitudes nepotistas ainda presentes nos poderes instituídos. Trata-se de heranças que se aprimoraram na realidade social vigente, ou seja, de pequenos favores até as maiores concessões na utilização da máquina pública para interesses pessoais e eleitoreiros. Essa atitude vincula tanto o gestor público quanto o eleitor que participa deste processo de negociação de seu apoio político em troca de favores pessoais. (LUZ, SANTIN, 2010, p.10)

Porém, a presença de práticas coronelistas e nepotistas são notórias principalmente em fases eleitorais, onde ainda negociavam favores, apoio em troca de algo material e cargos administrativos, expandindo assim as práticas.

O resultado de uma história de vivências com o patrimonialismo, coronelismo e clientelismo políticos na gestão pública brasileira se faz presente hoje numa diversidade de problemas, tais como o mandonismo, o filhotismo, o nepotismo, o falseamento do voto e a desorganização dos serviços públicos locais. Desta forma, apesar da evolução da sociedade e das aparentes conquistas sociais, conclui-se que as práticas clientelistas ainda se fazem presentes na cultura política brasileira. (LUZ, SANTIN, 2010, p.14)

No entanto, os séculos XIX e XX foram marcados pela seca, crises sociais e econômicas, alimentando ações, em especial, a clientelista pela necessidade dos mais pobres terem o contato com os proprietários de terras e gados através da troca de favores como meio de sobrevivência local.

Com isso, muitas pessoas não se conformavam ao perceberem as humilhações, violências e injustiças que eram constantes no âmbito local, muitas delas partiram para a ação reivindicando melhorias. De acordo com Souza (2004), o movimento Cangaço apresentava-se como uma forma vingar-se, de resistência e luta em uma sociedade que era marcada pela desigualdade e quedas de governos locais e nacionais, embora para Pereira (2015) eles não se separavam do contexto político por também serem beneficiados por esse sistema.

Considerando que existem diversas interpretações e explicações sobre o movimento Cangaço, os relatos sobre ele e seus personagens se fazem importantes. Seja por pesquisadores e/ou sujeitos que tem ou tiveram contato com e sobre o movimento.

1.2 CANGAÇO E ALGUNS RELATOS

Considerado um movimento rebelde e protestador, ao perceberem a realidade que os cercavam e serem vítimas muitas vezes das ações de alguns coronéis e principalmente do Estado, o Cangaço, segundo Fernandes (2018), foi um movimento que surgiu entre os séculos XIX e XX no sertão nordestino, composto, a princípio, por homens que sequestravam fazendeiros, coronéis, enfrentavam a polícia por motivos de vingança, questões sociais e de terra.

Caracterizavam – se por não terem uma moradia fixa, por viverem em bando e pelas vestimentas, utensílios e armamentos que levavam consigo. Inclusive, o termo “cangaço” se dá por conta do significado do mesmo.

[...] Aliás, originalmente o termo "cangaço" surgiu a partir da palavra "**canga**", nome dado a uma peça de madeira utilizada nos animais para transportar utensílios. Assim sendo, a palavra "cangaceiro" faz alusão à canga, devido à grande quantidade de objetos e armas que esses bandidos andariños carregavam. (Site Significados, 2015)

Os primeiros registros históricos apontam Jesuíno Alves de Melo Calado, conhecido como “Brilhante”, sendo um dos primeiros no cangaço. Ele atuou na década de 1870, segundo Gomes/Mayer/Primo (2008). Assim como Lampião, ele iniciou no cangaço por revolta contra a polícia que bateu em seu irmão. Existiram muitas lendas com seu nome, mas não tem pesquisas concretas sobre esse período.

Já no século XX, com a ação predominante dos coronéis no Nordeste, os cangaceiros surgiram como forma de reação a essa forma de sistema. Nomes como: Caneleira, Antônio Silvino, Virgulino Ferreira da Silva (Lampião), Cristino Gomes da Silva Cleto (Corisco) e José Ribeiro Filho (Zé Sereno), destacaram – se e foram os que causaram impacto na sociedade nordestina e duas mulheres se destacaram na história do cangaço, que foram Maria Bonita e Dadá, (FERNANDES, 2018).

Estas que foram as desbravadoras e foram consideradas as primeiras “damas” do cangaço por serem companheiras dos que estavam à frente do grupo depois da permissão da entrada de mulheres no mesmo em 1930. Segundo Amaury (2011), foi por Lampião já ter contato com a família de Maria, os pais, Zé de Felipe e Dona Dea, eram donos da fazenda Malhada da Caiçara em Jeremoabo, Bahia, ele sabia que o

casal tinha duas filhas casadas que eram: Benedita e Maria. Porém, Maria Gomes vivia em Santa Brígida com o marido borracheiro, Zé de Neném, em uma união conturbada e ambos foram tendo um relacionamento amoroso e ela já apresentava um desejo de fazer parte do cangaço. Mas Lampião recusava por ela ter apenas 15 anos e pelos riscos que enfrentavam. “*Ao meu lado você só vai encontrar perigo ou a morte*”, disse Lampião a Maria, mas ela estava decidida em ir embora com ele, segundo o autor.

Só dois meses depois, talvez para que ninguém soubesse que o bando estivera por aquelas paragens, Lampião mandou uma carta, por intermédio de Maria Bonita ao marido dela. A carta foi lida em voz alta antes de ser remetida e eu ainda me lembro que pedia desculpas ao José de Neném por lhe ter levado a mulher, mas justificara explicando que fora ela quem quisera... (Amaury, 2011, p.67)

Contudo, para manterem os bandos, eles precisaram aliar-se com os coronéis, denominados como coiteiros, para se esconderem da polícia e das volantes, terem garantidos a alimentação, lugar para recarregarem os armamentos e reestruturarem-se, principalmente quando cansassem ou se ferissem nas matas e nas brigas.

O sucesso de Lampião apoiava-se na rede de coiteiros e no abastecimento constante de armas. Sustentava-se pelo suborno e pelos tratos entre o cangaço e o coronelismo, que definiam zonas livres de perseguição e indicavam áreas onde os cangaceiros podiam cometer seus assaltos. Essas áreas pertenciam naturalmente ao ‘território inimigo’, redutos de políticos ou famílias contrárias aos protetores de Lampião. (Paizante, Almeida; Santos, Ramalho. Lage, blog, 2010.)

Com a presença dos cangaceiros, os coronéis também se beneficiavam por causa do convívio com os seus “capangas” e agregados, a fim de ensiná-los alguns “truques”, bem como com a presença deles em sua propriedade, serviria como forma de intimidação da oposição política.

No documentário “A mulher no cangaço, 1976”, Globo Repórter (2007), ao ser entrevistado, Luiz, que foi um dos integrantes da volante no período, relata que as pessoas temiam mais aos policiais e volantes do que a presença de Lampião, porque eram mais violentos, “batiam com chicote⁹”, principalmente nas pessoas que negavam terem visto Lampião e o bando na região independente de ser verdade ou não. Para justificar tais atos, em relato, um integrante da volante, Manoel Neto, diz que nas ações em busca dos cangaceiros, passavam muito tempo na caatinga, com

⁹Chicote é um instrumento utilizado, normalmente, em animais, formado por corda ou correia de couro presa a um cabo.

(<https://www.dicio.com.br/chicote/>)

fome e sede. Quando chegavam a determinada propriedade, as pessoas não diziam onde estava o bando e acoitavam Lampião, então se enfureciam, batiam, amarravam e torturavam as pessoas como forma de castigo.

O que chama a atenção é a ação dos policiais por agirem da forma que baniam as atitudes dos cangaceiros com as pessoas ao invadirem as casas quando queriam algo e/ou, no caso dos policiais, saber sobre o paradeiro dos cangaceiros que estavam procurando.

A grande dificuldade que as volantes enfrentavam era a proteção que os cangaceiros tinham das elites locais e que depois do conhecimento nacional, a Presidência da República passou a interferir nas atitudes da volante, forçando – os a chegarem até os cangaceiros, segundo Britto (2007).

Os cangaceiros andavam pelos estados da BA, PE, SE, AL e tinham como “ponto principal” a Paraíba e Ceará, de acordo com Oliveira (1999). O cangaço era dividido em grupos que eram representados por chefes.

Saracura era um cangaceiro do bando de Lampião, mas do chefe Ângelo Roque. Entrou no cangaço também por querer vingança da tortura feita pela polícia a seu pai, por ele ser considerado “Coiteiro, por conhecer Lampião”, o que segundo ele, nesse caso, não era verdade. Isso acontecia frequentemente com as pessoas que moravam em cidades que os cangaceiros passavam e eram principais motivos para a participação dos que se revoltavam contra tais ações no movimento. Assim como também acontecia com os soldados que entravam para a polícia para se vingar da morte de seus familiares pelos cangaceiros.

Vale ressaltar uma curiosidade em relação aos armamentos que os cangaceiros apareciam. Acabavam causando espanto nos soldados da volante, procurando saber de onde vinham tais armamentos e munições dos cangaceiros, porque eram novas e nem os soldados tinham esses instrumentos para os combates.

O Tenente José Bezerra, no documentário “A mulher no cangaço, 1976” (2007), afirmou que era o próprio governo quem disponibilizava armamento para os cangaceiros. Alega que Durval Rosa foi o “coiteiro” que confirmou e entregou aonde o bando de Lampião estava escondido na Gruta. Aqui aparecem algumas traições: a

do tenente, que a mando do Estado repassa armamentos aos cangaceiros para suas ações, inclusive contra os militares que representam o próprio governo na sociedade para garantir a “segurança local”. Mas a principal traição é entre o coronel para com os cangaceiros ao entregar o lugar que o bando se refugiava. Vale ressaltar que ele só sabia porque foi quem disponibilizou aos cangaceiros o lugar para tanto.

A morte de Lampião e do bando foi a mando do governador através de um telegrama, no qual era pedido a cabeça de Lampião e demais. Caso isso não acontecesse, quem morreria era o tenente Durval e todos os que estavam na fazenda. Para isso, junto a esse telegrama, o governador enviou armamentos (fuzil e metralhadora) e soldados para tal ação, de acordo com o documentário “A mulher no cangaço, 1976” (2007).

Entretanto, Durval havia emprestado a máquina de costura da mãe a Maria Bonita que estava fazendo uns bordados para as cangaceiras e cangaceiros, não podendo negar ou mentir por medo de morrer. Então levou-os ao local pegando os cangaceiros despreparados, em momento de descanso. Mataram Lampião com um tiro só. Um dos cangaceiros, Candeeiro, chegou à Gruta no momento do tiroteio e ainda foi baleado no braço, mas conseguiu fugir. Com a morte de Lampião e dos 10 que estavam com ele, o Presidente e governador solicitaram aos sobreviventes se entregassem para viverem em paz, documentário “A mulher no cangaço, 1976” (2007).

Esta chacina teve como representantes da volante o Tenente João Bezerra e o sargento Ferreira de Melo. Foi em Sergipe, na madrugada do dia 28 de julho de 1938, na gruta da Fazenda Angicos. Segundo Souza (2004), eram quarenta e oito soldados e trinta e cinco cangaceiros; onze foram mortos: Lampião, Maria Bonita, Luís Pedro, Mergulhão, Quinta feira, Diferente, Enedina, Desconhecido, Caixa de fósforos, Elétrico e Cajarana. Marcando assim o fim do cangaço que tinha como representantes Lampião e Maria Bonita.

Gilvan em seu poema escreve sobre esse fato:

Enfim morreu Lampião

Ele e Maria Bonita

Mais nove cabras do bando

*Numa manhã tão aflita
E mesmo os que escaparam
O cangaço ali deixaram
De forma muito esquisita.*

*Depois que cessou o fogo
Estava feita a desgraça
Pegaram tudo que tinham
Sem nem baixar a fumaça
Para que o povo reconheça
Cortaram as onze cabeças
E expuseram na praça.*

*Os soldados do massacre
Depois que tudo pegaram
Alguns ficaram foi ricos
Com o que eles deixaram
E como foram valentes
Todos ganharam patentes
Pela luta que ganharam*

*A 28 de julho
Essa tragédia se deu
Também morria o cangaço
Que Lampião ascendeu
E hoje a sua memória
Está expressa na história
Que o próprio povo escreveu.*

*Se foi herói ou Bandido
Respeitemos a memória
Ele marcou sua época
Escreveu a sua história
O que pensou que venceu
Ao lhe matar estendeu
Pra sempre a sua vitória.*

(Gilvan Santos - pag.122-123)

(Fonte: SOUZA, Anildomá Willans de. Nas pegadas de Lampião, Copyright, Anildomá Willans de Souza, 2014, 1º edição.)



Figura 1: Os trágicos troféus de Angico, 1938. Anônimo. Piranhas, Alagoas /Coleção Instituto Moreira Salles (Site: <http://brasilianafotografica.bn.br/?p=9527> Acesso em 24/08/2019)

A imagem acima possibilita diversas interpretações, uma delas é o lugar das mulheres que foram mortas, estando de lado e os homens no centro, bem como a cabeça de Lampião em primeiro sozinho com os acessórios que carregava e principalmente a forma de expressar a revolta expondo as cabeças em praça pública como troféus.

Segundo Pinto (2002), as cabeças foram expostas no museu do Instituto de Piranhas-AL, nos anos de 1938 a 1969, posteriormente foram entregues aos familiares, mortes que até hoje repercutem todos os anos no dia 28 de julho, na Grota do Angico, através de celebração de missa, com encenações artísticas, reunindo também pesquisadores, amantes do cangaço e presença da mídia local, a exemplo da Tv Sergipe.

A Mídia muitas vezes se utilizava do espaço para repassar uma visão estereotipada do cangaço e dos cangaceiros, e assim aproveitavam e expunham ações que chamavam atenção de forma negativa, a exemplo das invasões nas cidades e agressões.

1.3 O CANGAÇO NA MÍDIA

Muitas informações sobre o cangaço que eram retransmitidas pela mídia aconteciam quando o bando praticava alguma ação invadindo ou assaltando os lugares, tratando - os sempre como “Bandoleiros, malfeitores...”, sendo retratados como pessoas assustadoras e temíveis, por exemplo, chegando a oferecer recompensa em dinheiro a quem os encontrasse e denunciasse através de cartazes espalhados na cidade. Como mostra a imagem a seguir:

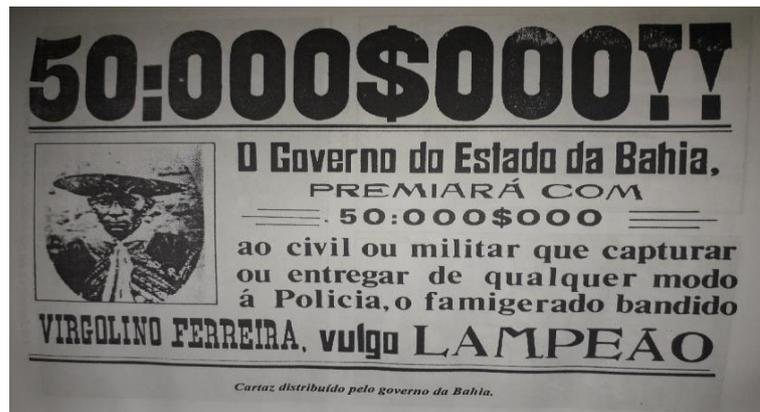


Figura 2. Cartaz de recompensa. Retirada do livro: SOUZA, Anildomá Willans de. Nas pegadas de Lampião/2004, p.132).

Segundo Campos (2011), nos anos de 1930 a mídia no Brasil estava sob o domínio do governo de Getúlio Vargas. Nesse ano foi criado o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC). Este tinha como intuito controlar as informações que seriam divulgadas pela imprensa brasileira.

“[...] Uma observação a fazer: nesses tempos de que cuidamos, nem todos os órgãos da imprensa tinham um cuidado mais profissional, mais investigativo sobre os temas focalizados, e as notícias sobre esses assuntos vinham para os periódicos de duas fontes: dos soldados e dos oficiais da Polícia ou então, com bem menos frequência, de vítimas.”
(ARAÚJO, Antônio Amaury Corrêa de. Maria Bonita- a mulher de Lampião/ 2011, p.36)

Por isso, as informações repassadas para os jornalistas eram através dos “chefes de polícia, coronéis, e assim não traduziam os fatos, mas as versões.” Justificando, os títulos das reportagens contidas nas imagens apresentadas anteriormente, principalmente por quererem eliminá-los, instigando a fúria do povo, a fim de tê-los como aliados da polícia para conseguirem “capturá-los”.

Nessa carta¹⁰ escrita por Lampião para Benjamim, ele reconhece e aprova os registros feitos pelo fotógrafo e o trata como ‘amigo’, disse:

‘Illmo Sr. Benjamim Abrahão

Saudações

Venho lhe afirmar que foi a primeira pessoa que conseguiu filmar eu com todos os meus pessoal cangaceiros, filmando assim todos os movimentos da nossa vida nas caatingas dos sertões nordestinos.

Outra pessoa não conseguiu nem conseguirá nem mesmo eu consentirei mais.

Sem mais do amigo

Cap. Virgulino Ferreira da Silva

Vulgo Cap. Lampião’

Benjamin Abrahão não conseguiu publicar o filme contendo as informações que conseguiu durante os 18 meses que passou junto ao bando de Lampião por proibição do presidente Getúlio Vargas.

As fotografias dos cangaceiros em poses que transmitiam orgulho e segurança irritaram o presidente Getúlio Vargas, fato que impulsionou o definitivo esforço de repressão que exterminaria os bandoleiros do sertão. Além disso, o documentário sobre Lampião foi apreendido.

Não poderá ser exibido o filme de Lampião! Com essa manchete na primeira página do jornal *O Povo*, de 3 de abril de 1937, ilustrada com uma fotografia de Benjamin ladeando Lampião e Maria Bonita, era informado que o documentário sobre o cangaceiro deveria ser apreendido, por ordem do dr. Lourival Fontes (1899 – 1967), diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda, durante o governo de Getúlio Vargas (1882 – 1954). O filme não poderia ser exibido nos cinemas do país, por atentar contra os créditos da nacionalidade. (Wanderley, Andrea C. T. 2017)

Ele morreu dia 19 de maio de 1938, em Águas Belas, atualmente nomeada Itaíba, interior de Pernambuco, dois meses antes da morte de Lampião, Maria e demais do Cangaço. Segundo Wanderley (2017), com 42 facadas e os motivos ainda não foram esclarecidos, apenas com hipóteses de queima de arquivo e/ou crime passional, por ele ter tido esse contato com o Lampião e por saber de muitas coisas que estavam “às escondidas”, como por exemplo, o envolvimento dele com as autoridades. Sua morte foi noticiada nos jornais locais, a exemplo do Diário de Pernambuco.

¹⁰Wanderley, Andrea C. T. 2017. Site: <http://brasilianafotografica.bn.br/?p=9527>



Figura 4. Notícia da morte de Benjamim Abrahão. Diário de Pernambuco, 10 de maio de 1938 (Wanderley,¹¹ Andrea C. T. 2017)

Britto (2007) relata que Lampião tinha o hábito de compor versos para Maria Bonita, compunha também sobre as guerrilhas e situações do dia a dia. Nesses poemas relatava as danças, encenações de combate e tinha cartão personalizado com a foto do representante do bando, Lampião, para “emitir salvos-condutos e solicitações amigáveis de recursos e intimidatórios”, ou seja, a fim de intimidar os que se preparavam para confrontá-los.

*“Daqui não sai ninguém.
Quem correr vai ver o gosto de uma bala atrás.
É Lampião quem vai entrando, gozando e querendo bem.
É bom como arroz doce, estando calmo;
Zangado é salamandra.”*

*Entre os fatos mais falados
Pelas plagas do sertão,
Temos as grandes façanhas
Dos cabras de Lampião
Mostrando quadras da vida,
Do famoso capitão.*

*Em diversas reportagens
De revistas e jornais
Com testemunhas idôneas
Contando fatos reais,
Coligimos neste livro
Lances sensacionais.*

*(...)
São casos que ainda hoje
Não temos quem os conteste,
Porque ficaram gravados
Nas entranhas do Nordeste
Com sangue, com ferro e fogo,
Como a maldição da peste.*

¹¹(Site: <http://brasilianafotografica.bn.br/?p=9527>)

(Virgulino Ferreira da Silva)
Livro: De Virgulino a Lampião/ Vera Ferreira e Antônio Amaury.”
(Britto/Paulo, 2007)

O cangaceiro Corisco morreu no dia 25 de maio, de 1940, este que foi assassinado pelo tenente Zé Rufino. Seu assassinato aconteceu em Brotas de Macaúbas, no Estado da Bahia. Ele estava com a esposa Dadá, que foi atingida com um tiro, mas que, segundo Sr. José Mendes, fez uma cirurgia, depois foi presa e liberada. Sendo assim, a segunda mulher representante do cangaço por ser a companheira do capitão do bando e posteriormente a própria capitã. Dadá vivia como costureira, na periferia de Salvador até sua morte, em 1994, aos 78 anos.

O cangaço continua vivo e presente também na história e nas reproduções de algumas atitudes e culturas que foram deixadas e são características do povo sertanejo. Atitudes como povo: valente, bravo, corajoso, vingativo, justiceiro. E na cultura através da presença nas festividades locais presentes nas quadrilhas, na literatura, mas também ainda hoje é possível perceber as injustiças na sociedade provocada por “poderosos”.

O cangaço sempre foi fonte de inspiração para a cultura nos mais diversos aspectos. Na música, na poesia, no cinema, no teatro, na dança vê-se que este é um dos temas mais explorados. (SOUZA, Anildomá Willans de. p.128, 2004)

Propõe-se que a interpretação e conclusão é instigada a ser algo individual de cada pesquisador e/ou estudante que se interesse sobre o que aqui foi abordado. Acreditamos que a história não busca a verdade absoluta e sim apresenta possibilidades para as interpretações pessoais.

Com isso, não pretendemos chegar a uma conclusão de quem seja vilão ou sujeito da história e sim compreender os dois lados, compartilhar as informações, pesquisas, análises e relatos que são retransmitidos com os interessados e eternos estudantes, principalmente, levantar possibilidades para novos questionamentos e posicionamentos críticos de quem ler. Para que possamos apreender e entender não só o que foi vivido no século passado, e sim compreender atitudes e fatos que foram e ainda são praticados no tempo presente, com um olhar principal sobre o poder centralizado e a luta da mulher pela conquista do espaço que ela quer estar.

2 A MULHER NO CANGAÇO: DIFICULDADES, ENFRENTAMENTOS E VOZES.

2.1 PRESENÇA FEMININA NO CANGAÇO

A presença das mulheres no cangaço foi um marco histórico que aconteceu no ano de 1930 onde, com a autorização de Lampião para a entrada de Maria Gomes de Oliveira, ficou liberada a entrada de mulheres para acompanharem os cangaceiros pelas estradas da caatinga.

[...] a filha de Zé de Felipe passaria a viver maritalmente com Lampião. Assim, nos primeiros meses de 1930, Maria Gomes de Oliveira se tornaria a primeira cangaceira da história do Brasil. Antes dela, nunca, em momento algum, uma mulher acompanhara o grupo de bandoleiros. Muitos tinham suas companheiras, mas não permitiam que os seguissem. (NEGREIROS, Adriana, 2018)

As cangaceiras eram jovens sertanejas de famílias tradicionais, que tinham papel de costurar, cozinhar para casarem e serem submissas aos maridos. Mas o diferencial é que essas não tinham esse pensamento e vontade. Algumas decidiram ter uma vida de aventura seguindo os cangaceiros.

Muitas vezes as cangaceiras foram raptadas, considerando alguns casos “consentidos”, seduzidas pela vida dos cangaceiros, pela ilusão de saírem da casa de seus pais, da cidade pequena; umas eram de Penedo, Poço Redondo. Segundo Amaury (2004), a cangaceira Adília, companheira de Canário, relata tê-lo conhecido ele através do Cangaceiro Rocha. É importante ressaltar quando é citado a respeito da liberdade em “pintar os beiços”, ou seja, passa o batom na boca que só foi possível ao entrar no bando e não ter a repressão do pai e de poder dançar. Tais ações proibidas pelo mesmo.

Cila e Maria Bonita foram umas das cangaceiras que entraram no bando por amor ao companheiro, mas que também segundo Amaury (2004) a entrada de Maria Bonita se deu por uma revolta dela para com os militares que expulsaram os pais da cidade e incendiaram a casa em que moravam porque recebiam a visita dos cangaceiros.

Lima (2018) afirma que além das mulheres que iam por amor e aventura, existiram também as mulheres que foram raptadas jovens pelos cangaceiros. A exemplo de Sila, raptada pelo Zé Baiano, tinha 11 anos e Dadá com 12 anos por

Corisco. Era algo considerado normal o ato de utilizar as mulheres como objeto para punir os homens, principalmente os pais que de repente dissessem aos policiais o lugar que os cangaceiros estavam escondidos. Como propriedade e dominação, como relatam Bourdieu (2002) e Saffioti (2004), ao falarem sobre a relação de gênero (masculino e feminino) mostra a desigualdade entre eles, ou seja, o masculino com mais autoridade, prestígio e principalmente poder na sociedade, utilizando-se também da violência simbólica, ou seja, atitudes e relações consideradas patriarcais e machistas.

De acordo com a cangaceira Dadá, em entrevista ao Viana e Neto (2016), para o documentário "Feminino cangaço", relatou que as mulheres no bando não eram maltratadas e nem eram domésticas, não estavam ali para cozinhar ou passar as roupas deles, isso eles mesmos faziam por já estarem acostumados a fazer desde sempre por andarem sozinhos antes delas fazerem parte, porém também destaca que ela tinha que dar assistência e respeitar o marido. Por isso sempre buscavam estar bem vestidas, perfumadas, com joias e muitos outros acessórios para agradá-los.

Destaca ainda que ao entrarem para o bando transformaram o olhar da sociedade, as imposições, rigorosidade para com as mulheres, quando o bando chegava a um determinado local com elas as pessoas já não temiam tanto por reconhecerem que elas levavam ao ambiente mais tranquilidade. Segundo Viana e Neto (2016), o lado emocional dos cangaceiros, como por exemplo, nas ações com os que eram sequestrados e elas interviam em algumas situações com autoridade jamais vista e aceitável antes.

Mas vale destacar que a presença de Dadá foi marcada, segundo Negreiros (2018), pela crueldade sexual e psicológica pelo cangaceiro Corisco. Ela se chamava Sérgia Ribeiro da Silva, foi raptada "à força, foi imobilizada na garupa de um burro" por vingança a seu pai, Seu Vicente, pelo Cristiano Gomes da Silva, Corisco e mais conhecido como Diabo Louro.

A fera que se vingara de seu Vicente de maneira tão implacável se chamava Cristino Gomes da Silva. Mas, nas sendas da caatinga, atendia pelo codinome de Corisco, o Diabo Louro. Contava, na ocasião, com 20 anos. Sérgia, a menina, tinha por apelido Sussuarana. A partir daquele dia, seria conhecida como Dadá." (Negreiros, Adriana, 2018, p. 24)

Segundo Amaury (2011), os homens do bando já tinham mulheres com quem se relacionavam ao irem a determinada cidade. Dadá é um dos exemplos, porém, em 1927 foi raptada por Corisco e levada para casa de uma tia, dona Vitalina, onde ficou até a permissão de Lampião depois que Maria Bonita decidiu fazer parte do bando. Foi a partir daí, com o contato com outras mulheres, que ela foi se adaptando e seguindo a vida de cangaceira.

Como relata no documentário "Feminino cangaço", de Viana e Neto (2016), ao dizer que Corisco sempre foi muito bruto, mas com o tempo e obediência a ele, foi "amansando" (ditado popular nordestino que é mais direcionado a animal quando está sendo admoestado para poder ser montado), ou seja, foi tratando-a melhor e ela foi aceitando, passando a gostar dele e até mesmo amá-lo posteriormente. Também foi quem a alfabetizou.

De acordo com Lima (2018), a presença feminina no bando era marcada pela opressão. As mulheres tinham que obedecer a um código de conduta extremamente machista, onde se fossem flagradas ou ao menos houvesse alguma suspeita de traição delas para com seu companheiro, a punição era a morte. O que foi o caso de Lídia, morta pelo Zé Baiano, da Lili do Moita Brava e da Cristina do Português; outra regra era a de pegar para si a mulher que ficasse solteira no bando, ou seja, em caso de morte do companheiro, era preferível que algum cangaceiro assumisse ela do que mandar voltar para casa da família por não confiarem e correrem o risco delas entregarem tudo o que soubessem para a polícia.

Assim, podemos perceber a reprodução das ações já existentes na sociedade, como expõe Saffioti (2004) com o patriarcado forte, a sujeição, a mulher é tratada como propriedade, principalmente sexual, a fim de assegurar a fidelidade da esposa para o seu marido como forma de contrato sexual. Nesse espaço, que ao mesmo tempo essas, ao entrarem, buscavam por liberdade e se conformavam em atender ao que era imposto ao bando com a presença delas. E Bourdieu (2007) com a violência simbólica apresentada através da imposição e dominação física e mental. Violência essa que se destacava pela forma rígida que era exposta, através de ameaças tornando – as dependentes do parceiro e da situação em que estavam vivendo.

Segundo Viana e Neto (2016), as relações sexuais só aconteciam quando percebiam que estavam seguros em determinado lugar, longe da polícia. Quando o assunto era filhos, Dadá foi a única que teve sete filhos, as demais tinham que abortar ou doar quando nascessem, porque os filhos, segundo os cangaceiros, atrapalhavam nos esconderijos e nos deslocamentos do bando, desde quando as mulheres engravidavam, até quando nasciam, porque não conseguiam ser ágeis e se esconderem, principalmente após o nascimento da criança por causa do silêncio. Mas Dadá enfrentava todos e isso não a impedia de continuar a rotina. Depois da morte de Corisco, Dadá foi presa e ao sair, depois de um tempo, casou-se com Seu Eusébio, passou a ser chamada de D. Sérgia da Silva Chaves, que depois de morrer ficou viúva e sentiu-se Dadá novamente. Por esse motivo, é possível encontrar muitas entrevistas e reportagens a seu respeito concedido diretamente por ela, como destaca Negreiros (2018):

Ao contrário de Dadá, esposa do cangaceiro Corisco, que morreria em 1994 e deixaria sua vida registrada em livros, filmes e centenas de entrevistas para rádios, jornais e televisão, a história de Maria Gomes de Oliveira é contada apenas por terceiros. As lacunas em torno de sua trajetória, embora dificultem a reconstituição dos fatos, não diminuem sua influência. A coragem de desfazer um casamento falido para acompanhar o homem que desejava e a disposição para enfrentar fome, sede e perseguição policial em nome de um grande amor inspiraram gerações de mulheres por décadas. Apesar de esconder o fato de que as cangaceiras eram submetidas a violências constantes na esfera doméstica e privada — embora vivessem ao ar livre do sertão —, essa mitificação não diminui o caráter transgressor da figura de Maria Bonita. Aqueles eram os anos 1930, e mulher decente não abandonava marido, quanto mais para fugir com cangaceiro. (NEGREIROS, Adriana, 2018, p. 10-11)

No documentário “A Mulher no cangaço, 1976’ (2007), um dos entrevistados relatou que depois da presença das mulheres, os cangaceiros evitavam matar e maltratar ao extremo os que eram pegos, porque para eles as mulheres não aguentariam suportar tamanha crueldade quando estavam presentes e outras vezes também a mulher intervinha pedindo compaixão para com o que fora capturado.

Com essa fala, é possível analisar a visão de fragilidade que tinha sobre a mulher no início com a entrada da mesma no bando de Lampião, por ter alguém só para olhá-las e protegê-las, não as deixava utilizar armas, não participassem dos confrontos, servindo apenas para servi-los de belezas e propriedade. Com o tempo, elas vão tomando espaço ao mostrarem o contrário da visão que os homens tinham, algo difícil em um ambiente marcado pelo medo dos homens ríspidos que ali estavam.

Negreiros (2018) relata que Dadá e Corisco foram os últimos cangaceiros em atividade, em 1940, em que foi o ano do assassinato dele. Ela era chamada pelo nome de “nega pau”, por ser brava e autoritária depois de Maria Bonita. Segundo Negreiros (2018), depois da presença das mulheres, as famílias dos locais que passavam perdiam mais o medo dos cangaceiros porque tinham pavor de que eles pudessem levar as filhas delas. Pois, os cangaceiros eram tidos como bravos, justiceiros, sequestradores, também “mulherengos”, por se relacionarem com as mulheres por onde andavam.

Depois que as mulheres começaram a fazer parte do bando, a forma de ver e falar sobre os cangaceiros amenizaram porque, segundo Lima (2010), o comportamento dos cangaceiros mudou com a presença delas e conseqüentemente foi possível notar mais respeito por parte dos homens, das famílias e das mulheres. Porém, não significa que as ações dos mesmos também foram amenizadas. Existiam ainda muitas relações de poder no bando.

2.2 Relações de Gênero e Poder no Cangaço

Ao pensarmos sobre o período do cangaço e sobre a presença da mulher, o que nos chama atenção são as relações, a ignorância dos homens com as mulheres por terem sido sempre predominantes nas formações de bando e a violência tanto física quanto mental entre eles.

Antes da presença das mulheres no bando, os cangaceiros e os policiais as atacavam, principalmente como forma de atingir os inimigos e os que deviam favores ou dinheiro. Eles humilhavam, espancavam, abusavam, prendiam, entre outras coisas, como uma forma de mostrar autoridade ao ter contato com a mulher considerada a propriedade do homem. Atitudes que Freitas (2005) refere-se como uma forma de disputa e afirmação de poder.

Mas também é importante destacar e perceber as transformações do cotidiano, o protagonismo e decisão de algumas mulheres para fazerem parte do cangaço e conseguir transformar esse ambiente. No documentário “A história de Dadá e Corisco”¹², Sila, ex cangaceira, ao falar sobre a forma de tratamento dentro do bando, afirma que as mulheres eram bem tratadas pelos companheiros, embora

¹²Sila (2015) Canal Youtube>
https://www.youtube.com/watch?time_continue=1493&v=hVXNYWabaMQ&feature=emb_title

tenham sofrido abusos antes de entrarem no bando. A regra era todos tratarem – se com respeito e as punições serviam para todos e todas caso desobedecessem.

Partindo do espaço e das muitas compreensões que são possíveis através desses e outros relatos, percebe – se que essa presença marcou a história do nordeste brasileiro, em um tempo marcado pela seca, por crises econômicas, repressões, dominação masculina, patriarcalismo e autoritarismo, que limitavam as ações das mulheres na sociedade, ou seja, a sua liberdade pessoal e social.

Levando em consideração que os componentes do cangaço apareceram historicamente no século XIX, a exemplo do cangaceiro Jesuíno Alves de Melo Calado, “Brilhante”, na década de 1870 tinha-se uma imagem histórica contada romanticamente e muitas lendas foram surgindo nesse período. Segundo Amaury (2011), foi a partir do século XX que essa imagem mudou e ganhou destaque com a presença de Virgulino Ferreira, Lampião, Maria Bonita e seu bando.

De acordo com Schiavon (2017), os integrantes do cangaço desde o surgimento eram conhecidos como “bandidos sociais” por decidirem levar a frente as ações através de revoltas baseadas no crime e violência. Com essa fama, ao tomar a frente na década de 1920, Lampião e seu bando eram temidos e causavam terror aonde chegavam.

Um dos grandes motivos para estender essa fama eram os relatos da Tv, Rádio e difusoras locais. Segundo Amaury (2011) e alguns pesquisadores, os jornalistas não se preocupavam em ir até o espaço para comprovar a “veracidade” do fato, porque o cuidado e a ética profissional não eram cobrados, ainda mais que a fonte sobre eles eram os soldados e os oficiais da polícia, muitos eram inimigos. Embora tivessem ainda algumas vítimas ouvidas.

No início da década de 1930, ao perceber que a presença feminina junto aos cangaceiros não era comentada, alguns pesquisadores começaram a levantar questionamentos, a exemplo de Amaury (2011) e mais atualmente Adriana Negreiros (2018), que passaram a estudar a presença da mulher e perceberem que muitas das informações expostas na mídia iam contra ao que era coletado por ele em entrevistas diretamente com alguns moradores da localidade que Lampião passou com o bando.

Assim, o que era divulgado sobre Lampião e seu bando (homens e mulheres) passou a ser investigado e analisado de outra forma através de novos contatos de pesquisadores e participação de sujeitos que viveram esse período do “cangaço de Lampião” no sertão. Embora muitos desses relatos e pesquisas só foram disponibilizados anos depois da morte de muitos dos integrantes do cangaço, até por medo da perseguição e repressão das autoridades locais e do país.

Por outro lado, com a presença feminina, o dia a dia dos cangaceiros foram modificados. Segundo Amaury (2011), eles já tinham mulheres antes da liberação da presença delas no cangaço, mas só as encontravam quando passavam na cidade que elas moravam. Maria Gomes, antes conhecida como Maria de Dea e posteriormente a “Maria Bonita” e Maria Miguel da Silva, ou seja, “Mariquinha de Neném”, companheira de Ângelo Roque da Costa (conhecido como Labareda), foram as primeiras mulheres integrantes do cangaço. O ingresso da Maria Bonita foi permitido por Lampião, que era o chefe do bando. Em seguida ela carregou sua ex-cunhada Mariquinha para segui-los também, e assim abriu para os cangaceiros levarem as companheiras que tinham.

A realidade das mulheres nordestinas era de trabalho doméstico, lavadeiras, cuidando da casa e dos filhos. Em relatos no documentário “A mulher no cangaço, 1976”, Globo Repórter (2007), destaca o envelhecimento causado pela exposição ao sol das mesmas, causando o envelhecimento e desgaste da juventude, bem como o desgaste físico e mental com o cuidado dos muitos filhos que tinham.

Entretanto, quando a mulher começou a fazer parte do cangaço no bando de Lampião, segundo Ferreira (2011), essa atitude marcou a história por diferenciarem-se dos demais grupos de cangaceiros que nunca permitiram a presença de mulheres junto a eles. Com isso, a mudança estendeu-se para os sertanejos e sertanejas que se indignavam com as injustiças locais e que passaram a vê-los de outra forma, com menos temor quando chegavam nas cidades, por terem mulheres juntos a eles dando uma ideia de presença mais calma e apassivadora.

De acordo com Ferreira (2011), as mulheres que tomavam a decisão de somar ao grupo dos cangaceiros era uma forma de expor a revolta com as condições, ações sociais e com a cultura existente na sociedade, bem como as diversas formas de repreensão regional e familiar.

Perceber o diferente foi um momento de mudança no cotidiano de todos daquela sociedade, porque segundo Bourdieu (1995), quando há um confronto e inversão dos lados, com mulher a frente e/ou agindo “igual” ao homem, isso choca, chama a atenção e vai de encontro à visão social de patriarcado. Tradicionalmente, a mulher era vista como alguém que é a falta do homem, ou seja, na percepção tradicional, ela nasceu para não ser e nem agir como homem, principalmente ocupando cargos importantes, porque o homem é tido como “a medida de todas as coisas”.

Assim, quando a mulher passa a fazer parte desse movimento predominantemente masculino, grande parte da sociedade e dos próprios cangaceiros estranharam e questionaram, embora elas entraram com o intuito de acompanharem os homens que se relacionavam, como afirma Amaury (2011). No filme “Memória do Cangaço”(2011)¹³, a presença da mulher era vista como um atraso na vida aventureira deles, desde o despertar da paixão, fazendo com que o homem aceite as opiniões dela, até nas invasões, confrontos, nos esconderijos por não terem total segurança e principalmente quando tivessem filho. Porém, foram surpreendidos com o desenvolver delas no bando. Ainda nesse filme, o cangaceiro “Deus te guie” afirma que *“mulher sertaneja é um homi, anda quantas léguas for, não prejudicava... ainda era como uma mãe dos cangaceiros”*. Porém, Lampião determinou que cada uma tivesse um segurança para “escoltá-las” nos confrontos, bem como encontrar um lugar de segurança na casa de um “coiteiro” ou algum amigo confiável, sendo assim como regra a todas que entrassem no bando, de acordo com Amaury (2011).

Observando tais ações, como a de não abrir espaço às mulheres por serem consideradas “frágeis” e empecilho por desfalcarem o grupo ao terem homens só para as “proteger”, também por nem sempre estarem sós, como por exemplo na gravidez. Vale ressaltar que na representatividade, ao ser chamada e identificada como Maria bonita - a mulher do chefe, bem como as demais mulheres que eram reconhecidas através do nome do companheiro como propriedade, o autor Bourdieu (1995) afirma que o poder simbólico está presente nesses espaços em que o homem é predominante, principalmente apresentado através da imposição,

¹³ Chico Marques, Filme Memória do Cangaço(2011)

><https://www.youtube.com/watch?v=dVb50n7UkNI&list=PLNhc88fi0rqzdg7JON7u6xTPUvSlaigiZ&index=10>

dominação, ações e forma de falar, essas que são predominantes nesse espaço e tem como suporte a igreja e o Estado, através da economia que alterna-se no material e espiritual. Um dos fatos materiais são as dicotomias existentes no mercado que denominam o homem = chefe e mulher = secretária / mulher = costureira e homem = estilista, e espiritualmente com a autoridade de decisões dos membros da igreja, onde o Papa e padre são do sexo masculino. Dando reconhecimento ao homem como universal e competente e as mulheres como algo particular e “não homens”, por não serem destinadas a fazer o que o homem faz.

Assim, o autor destaca essas dominações também como violências simbólicas por estarem presentes nas atitudes, interpretações, práticas que subjagam as mulheres e que ainda hoje são retransmitidas, muitas vezes aceitas e reproduzidas até inconscientemente. Porém, esses sujeitos (homem e mulher) e a sociedade precisam compreender a condição de ‘ser humano’ torna-os iguais e que as diferenças existentes são relevantes, como por exemplo: os genitais diferentes, assim como a frente e trás, destaca Bourdieu (1995).

Saffioti (2004), compreendendo ainda que essa violência vai além do sexo, afeta também “ruptura de integridades: física, psicológica, sexual, moral” (p.47). A grande dificuldade de quem defende e preserva pela vida da mulher está em conscientizar e tirar a ideia de normalidade em sofrer tais situações que são consequências do patriarcado na sociedade, com a exploração das mulheres pelos homens.

O patriarcado está presente na categoria histórica representada por gênero, onde é uma das instâncias estudadas por intelectuais. Porém, o conceito de patriarcado de cada período, principalmente nas desigualdades entre homens e mulheres e violência, estão em transformação. Desde a Roma Antiga, o homem tinha o poder dominante (patriarca) sobre a esposa e filhos. Hoje em dia os casos de violência são provenientes deste sexismo reinante na sociedade, segundo Saffioti (2004), tais violências são interpretadas e reconhecidas de acordo com cada mulher que passe por isso, sendo considerada normal por uma ou agressiva por outra. A autora defende ainda que o patriarcado se apresenta como sendo uma história de sujeição desde o início da vida da mulher.

Com isso, as diferenças entre homem e mulher na sociedade não são só biológicas, mas as formas de se comportar no mundo, tendo essa “preparação” desde os primeiros anos de vida, servindo como forma de perpetuar o domínio patriarcalista na sociedade, no qual a mulher tem como característica a passividade e suavidade para cuidar do que foi permitido e destinado a ela nesse sentido, a casa e filhos. Já o homem é preparado para exercer cargos públicos, onde Saffioti (2004) destaca ainda que o gênero vai partir de acordo com a realidade vivida pelos indivíduos, de acordo com a educação recebida culturalmente, demonstrada através da prática e espaço, se o indivíduo é homem ou mulher.

Assim, o papel da mulher apresenta – se como algo imposto pela sociedade, pelo fato de ter nascido mulher e já ter o “destino certo”, destacando ainda algo que se repercute também na desigualdade salarial, na violência, assédios, ameaças dentro e fora de casa e demais situações que são frutos de um patriarcado ainda enraizado na sociedade em pleno século XXI, cabendo a nós estudantes e um pouco conhecedores de tais realidades também tomarmos atitudes de pelo menos apresentar essas discursões, denunciar aos órgãos competentes, a fim de procurarmos sanar essa violência em todos os aspectos, visto que:

Não basta ampliar o campo de atuação das mulheres. Em outras palavras, não basta que uma parte das mulheres ocupe posições econômicas, políticas, religiosas, etc., tradicionalmente reservadas aos homens. Como já se afirmou, qualquer que seja a profundidade da dominação-exploração da categoria das mulheres pela dos homens, a natureza do patriarcado continua a mesma. A contradição não encontra solução nesse regime. Ela admite a superação, o que exige transformações radicais no sentido da preservação das diferenças e da eliminação das desigualdades, pelas quais é responsável a sociedade. (SAFFIOTI, Heleieth, 2004, p.107.)



Figura 5. O cangaceiro Corisco e Dadá, sua companheira, com a cachorra Jardineira, 1936. Benjamin Abrahão. Sertão nordestino, nas proximidades do rio São Francisco / Acervo IMS (Site: <http://brasilianafotografica.bn.br/?p=9527>)

Vale ressaltar que, segundo Mattos (2017), estima – se que mais de 60 mulheres fizeram parte do cangaço nos grupos e subgrupos, muitas que antes de fazerem parte do bando eram tidas como prostitutas pela sociedade, porque já não eram virgens, se relacionavam ou já tiveram algo com dos cangaceiros.

A presença das mulheres, segundo Negreiros (2018), diminuiu a violência, estupros e traições que eram praticados pelos cangaceiros. As visitas realizadas por Lampião demonstravam que ele as tratava com educação, as que o tratavam bem, principalmente as menos favorecidas, sentava à mesa e não as roubava. Com o intuito de buscar a justiça pelos sertanejos.

Maria Bonita, Dadá e as outras mulheres juntaram - se para bordar e costurar as roupas dos integrantes do bando. Segundo Negreiros (2018), Dadá foi considerada a representante das vestimentas de todos homens e mulheres do cangaço por estar sempre ativa e mais eficiente nas produções, até na gravidez e não só na costura, como também nas tarefas que eram realizadas geralmente pelos homens, ela e Maria Bonita se destacavam nas atividades, a exemplo: fazer curativos, cozinhar, envolviam-se nas decisões dos combates.

Produziam e utilizavam roupas características do cangaço e do sertão para as atividades que fossem realizar, seja nas batalhas, nas festas entre eles, nas visitas, enfim, utilizavam os meios estéticos adquiridos e próprios como uma forma de representatividade, poder, riqueza e vaidade, utensílios e criatividade que são reproduzidos até hoje principalmente por vaqueiros, nordestinos que vivem em sítios, em festejos tradicionais (a exemplo, da vaquejada) e também no centro da cidade no Nordeste. “Enfim, mulheres dos sertões do Nordeste incrementam a história do Cangaço.” (NEGREIROS, Adriana, 2018, p.39)

3 CANGAÇO FEMININO

3.1 As Influências Femininas Antes e Depois do Cangaço

Por muitas vezes a mulher cangaceira, quando apresentada nas obras e na história, era vista apenas como companheira e/ou criminosa junto aos cangaceiros. É importante refletir sobre o universo interior que existe no feminino e as influências da participação delas junto ao bando.

O estereótipo marginal atribuído à mulher acaba deixando de lado o ser mulher. Deixando escapar o ser que também tem medos, desejos, loucuras e sentimentos. Não se isentando do espaço cruel e marginal que estavam inseridas.

Para a historiadora Maria C. Matta Machado (2017), as mulheres entraram à força através do rapto, embora outras tenham entrado por paixão pela condição de vida ou ao homem. A socióloga Maria Isaura de Queiroz (2017) completa ainda dizendo que eram mulheres jovens e pobres que viviam uma oportunidade de se livrarem dos trabalhos e ascenderem socialmente. Sendo assim representadas na ostentação de joias, roupas, paramentas, também na alegria e vida nômade que o bando levava, destacando-se pela virilidade e coragem dos homens, que eram um dos fatores principais da incorporação das mulheres ao bando. Porém, essa virilidade, para Bourdieu (2002) é uma forma de destacar o poder, potência sexual do homem, a honra, para então ser considerado um “homem de verdade”.

Em depoimento, Dadá¹⁴ afirma que as cangaceiras Maria Bonita e Mariquinha (Sérgia Ribeiro da Silva) escolheram abandonar os maridos e unirem-se a Lampião e Labareda (Ângelo Roque).

Ao analisar o discurso, o historiador Alistair Thompson¹⁵ afirma que nós produzimos nossa memória para dar sentido à vida passada e presente. Observando as falas das cangaceiras, nesse caso, Dadá e Sila, mesmo em meio as dificuldades e vida complicada no cangaço, o foco e importância que destacam em suas falas é sempre o lado positivo, ou seja, as experiências boas e o convívio entre eles.

¹⁴DIAS, José Umberto. Dadá. 2ª edição, Salvador: EGBA/Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1989, p. 34.

¹⁵THOMSON, Alistair. Reconstituo a Memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. Projeto História, São Paulo: PUC/SP, nº 15, p. 51-84.

É possível perceber que Dadá em seus depoimentos rebatia os preconceitos da sociedade e falava em relação às mulheres, que além das que deixavam os maridos para seguirem o bando, existiam moças que eram de famílias abastadas também, como pode ser observado no trecho a seguir:

[...]gente de bem, gente de família, filhas de fazendeiros, tudo moça, mas teve também mulher casada que foi pro grupo. Maria de Lampião e Mariquinha de Anjo Roque eram casadas e se apaixonaram e fugiram pro bando. As outras eram tudo moças, meninas, filhas de gente de recurso. (DIAS, José Umberto. Dadá. 2ª edição, Salvador: EGBA/Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1989 p.34-35.)

Tentando assim, destacar e contrapor a ideia de mulher bandida como eram vistas as que entravam no cangaço. Os termos “filhas de fazendeiros”, “moça”, “filhas de gente de recurso” deixam claro que Dadá busca evidenciar que não eram prostitutas nem de vida fácil, também que não eram apenas as mulheres de menos recursos que decidiam e faziam parte do bando.

O poder e as relações dessas mulheres do cangaço evidenciam uma oportunidade que era vista a fim de conseguirem sair das exigências da sociedade patriarcal, como por exemplo a liberdade de escolherem seus companheiros sem a influência familiar (vale ressaltar que essa liberdade nem sempre esteve presente no bando e sim o medo e coibição), estarem em festa, maquiarem-se, usarem joias, vestidos do joelho, também de fugir dos padrões sociais e buscarem novos ambientes e formas de vida.

Outra forma de representação e presença da mulher é através dos cordéis. Poetas utilizavam muitas vezes de forma romanceada e fantasiosa a presença feminina no cangaço, enfatizando o ponto de vista individual, onde o poeta Teodoro dos Santos no folheto intitulado “Maria Bonita, a mulher do cangaço”(1986), refere-se à presença de todas as mulheres como uma escolha pessoal, “do mesmo jeito quiseram/ conviver com os bandidos/ Em busca de seus queridos/ mais cangaceiras vieram... (SANTOS, Antônio T. dos. Maria Bonita. A Mulher Cangaço. São Paulo: Luzeiro, reedição, 1986, p.28), generalizando a entrada de Maria Bonita, onde abriu espaço para outras mulheres e tiveram cerca de trinta mulheres que passaram a participar também. (FREITAS, 2005)

Em seguida tem um quadro com o nome delas e algumas informações:

Nomes e apelidos	UF - origem	Companheiros/nomes e apelidos
Maria Gomes de Oliveira - Maria Bonita	Bahia	Virgolino Ferreira da Silva - Lampião
Sérgia Ribeiro da Silva - Dadá	Pernambuco	Cristiano Gomes da Silva Cleto - Corisco
Otilia Maria de Jesus ^a - Otilia	Bahia	Mariano Laurindo Granja - Mariano
Lili ^b	Bahia	Lavadeira
Joana Gomes - Moça	Bahia	Cirilo da Ingrácia
Joana Gomes ^c - Moça	Bahia	Jacaré
Ilda Ribeiro de Souza - Sila	Sergipe	José Ribeiro Filho - Zé -Serenó
Neném	Bahia	Luís Pedro
Lídia	Bahia	Zé Baiano
Enedina	Sergipe	José do Nascimento - Cajazeiras
Dulce Silva - Dulce	Sergipe	Criança
Inacinha	Bahia	Gato
Maria dos Santos - Mariquinha ^d	Bahia	Ángelo Roque - Labareda
Ana ^f	Bahia	Ángelo Roque - Labareda
Maria Fernandes - Maria de Juriti	Sergipe	Manuel Juriti - Juriti
Maria de Azulão	Bahia	Azulão
Dinda	-	Delicado
Durvalina Gomes - Durvinha	Bahia	Virgínio
Aurea	Sergipe	Manoel Moreno - Baiano
Maria Jovina - Maria de Pancada	Bahia	Pancada
Laura Alves - Doninha	Alagoas	Manoel dos Santos - Boa Vista
Cristina	Alagoas	Português
Florência	Bahia	Rio Branco
Sebastiana Rodrigues	Alagoas	Moita Brava
Eleonora	-	Serra Branca
Lica Maria da Conceição	Bahia	Passarinho
Sabina da Conceição	Bahia	Manoel Nascimento de Souza - Mourão
Quitéria	Bahia	Moita Brava
Bídio	Bahia	Antonio dos Santos - Volta Seca
Antonia Maria de Jesus	Bahia	Gabriel Lima - Baliza
Rosinha	-	Mariano Laurindo Granja - Mariano
Gertrudes	Bahia	Emídio Ribeiro - Beija-Flor
Dalva	-	Arvoredo
Adília	Sergipe	Canário
Maria Cardoso	Sergipe	Antonio Felix - Gitirana
Rosa	-	Simplicio José dos Santos - Caracol
Amelia*	-	-
Maria*	-	-
Isabel*	-	-
Adelaide	Sergipe	O ex-cangaceiro não permitiu a divulgação de seu nome.

Figura 6 ¹⁶- Quadro com o nome e apelidos, origem das mulheres integrantes do cangaço e nome e apelido dos companheiros. (Freitas, Ana Paula Saraiva de. A Presença Feminina no Cangaço: Práticas e Representações (1930-1940), Unesp, Assis, 2005, p.122)

Podemos perceber que Alagoas, Bahia e Sergipe são os estados que tem registros de mulheres que fizeram parte do cangaço, bem como esses foram os estados que, segundo Araújo (1985), os cangaceiros percorreram estendendo-se a Pernambuco que foi menos visitada. Tendo ainda a presença delas nas invasões das cidades e capitais. Em 1930, por exemplo, segundo o autor estiveram na Bahia: Jacobina Queimadas, Salvador, Jeremoabo, Angicos, Poço Redondo, Paulo Afonso; Sergipe: Aracajú, Capela e Propriá; Alagoas: Piranhas, Água Branca, Maceió, Mata

Grande; Pernambuco: Garanhuns, Águas Belas e Recife; Paraíba: João Pessoa e Monteiro; Rio Grande do Norte: Natal; e Ceará: Fortaleza.

Ao analisar as representações femininas, destaca – se a presença delas na mídia, na qual, ao serem expostas, eram limitadas a descrições físicas e identificação sendo sempre representadas pelo nome do companheiro. As presenças no bando incomodavam os que estavam por trás das notícias e elas eram retratadas de forma grosseira e ignorante. Freitas (2005) apresenta à imprensa do ‘Jornal O Estado de São Paulo’, no qual as trata como “Bandoleiras, amantes”, sugerindo sua condição de objeto sexual ou ainda como números para os cangaceiros. Utilizando-se de termos como: “megeras”, “bandidas”, “cruéis”, para identificá-las, generalizando sem as conhecer ou ter comprovação de algo “cruel ou crime” que elas tenham praticado, nem saber o motivo de estarem fazendo parte de tal grupo, o que faziam e como agiam. Tudo isso pelo fato de serem mulheres e estarem acompanhadas de cangaceiros temidos e mal vistos pela mídia, coronel, policiais e Estado.

Vale lembrar que grande parte das entrevistas e relatos apresentados pela mídia, eram de vozes masculinas principalmente, militares e coronéis que passavam as informações e tinham acesso a quem publicava as notícias.

É importante ressaltar também que esse olhar e espaço de dar voz apenas a um sujeito histórico acaba por limitar a história e interpretação humana, que pode ser compreendida de forma ampla tendo a participação de quem compunha e compõe essa história, por atuarem e existirem nesse ambiente e tempo social. Esse é um dos principais motivos que hoje cabe ao historiador e pesquisador utilizar de fontes e realidades a fim de promover uma nova percepção sobre os fatos e sujeitos participantes, principalmente sobre a participação da mulher que ainda é tão limitada na história, cheia de questionamentos e lacunas.

Na mídia, as mulheres cangaceiras não haviam sido citadas e nem foram alvo de destaque desde o seu ingresso ao bando em 1930, e segundo Freitas (2005) esse destaque aconteceu em 1933 no jornal ‘Estado de São Paulo’, ao aparecerem carregando armas e acompanhadas por cangaceiros três anos após o ingresso delas. Porém, é possível perceber que foram citados adjetivos que as ignoravam e menosprezavam.

[...]Composto de 23 pessoas: Lampião, 19 cabras e 3 mulheres - 3 verdadeiras megeras; todos fardados de Brim Kaki, bem montados, armados de fuzil e rifle, trazendo farta munição; conduziam também, punhais e revólveres à cinta. Roubavam dinheiro, fazendas, joias, moedas antigas de ouro e prata... (O Estado de São Paulo 20/07/1933)

O termo usado para falar sobre as mulheres era – “megeras” – esse que é sinônimo de crueldade, má índole, pessoas sem caráter, sempre com a intenção de apresentá-las como uma ameaça para a sociedade.

Para o jornal, uma matéria que realce a virilidade do homem é positiva. Eles buscam realçar o poder de Lampião para com as mulheres do bando por ser o chefe. Em uma notícia vinculada no jornal O Estado de S. Paulo, [...]Lampião¹⁷ seria um homem viril e sedutor, pois “tinha duas amantes, ambas caboclas e bonitas”(O Estado de S. Paulo 20/05/1934, p. 8), porém, com entrevistas e pesquisas feitas por Freitas (2005), fidelidade era algo que não se questionava, e infidelidade era imperdoável. Nos acampamentos os solteiros e casados ficavam separados.

Por que será que a mídia tem tal informação de ‘virilidade’ como positiva?

A sociedade patriarcal se estende ao âmbito social nacional, mostrando que o homem tem que estar no poder social e sexual, lugar de prestígio e masculinidade, ao ser citado como “um homem viril e sedutor”. Compreende – se então que essa diferença que se apresenta entre homem e mulher de masculino e feminino é reflexo dessa sociedade, que para Bourdieu (2002) separa tais atitudes e formas de serem tratados, aparentemente natural, como uma forma de mostrar o poder de dominação e submissão da mulher.

Por esse motivo, ao verem as mulheres junto aos homens, a interpretação que eles (mídia e sociedade) tinham era de mulheres que eram objetos sexuais que estavam a disposição na hora que eles quisessem independentemente da quantidade. Ao decorrer do tempo essas relações foram sendo expostas de outra forma através dos relatos e pesquisas feitas sobre as mulheres do cangaço, tendo a participação das próprias cangaceiras e de demais sujeitos que participaram desse período na história, permitindo identificar que ainda hoje são sentidas e percebidas

essas relações e questionamentos que o bando passou, no nordeste junto a diversas interpretações, generalizações e informações.

Um fato que também chama atenção sobre as mulheres no cangaço é quando elas são alvo de matéria quando são vistas com armas de fogo e por saberem manuseá-las. Isso, segundo Freitas (2005), marcou e foi motivo de espanto para muitos que não eram acostumados a ver uma mulher com tal objeto e tais atitudes tanto na sociedade como na mídia.

[...] hábeis amazonas e manejam rifle com incrível destreza. Algumas são tão cruéis quanto os homens. Tomam parte nos assaltos e combates ao lado dos bandoleiros, mostrando-se tão destemidas como eles. (O Estado de S.Paulo, 13/01/1937. p.7 *apud* Freitas, Ana Paula Saraiva de, A presença feminina no cangaço: práticas e representações (1930-1940), UNESP, Assis,2005. pg. 130.)

Em relatos (Freitas,2005)¹⁸, Dadá e Sila enfatizam que aprenderam manusear e lidar com armas e punhais com os cangaceiros para se defenderem, mas as que se destacam, de fato, que tinham posicionamento “belicoso e violento” (Freitas, Ana Paula Saraiva de. A presença feminina no cangaço: práticas e representações (1930-1940), UNESP, Assis,2005. p. 130.) eram Maria Bonita e Dadá, que depois da chacina do cangaço em 1938, conseguiu fugir com Corisco e passou a ser líder, tomando a frente das batalhas e cuidando dele por ter ficado sem conseguir movimentar os dois braços, relatou Dada em vídeo publicado por Adalto Silva (2005)¹⁹. Podemos analisar uma inversão de poder que aconteceu na história tão pouco falada, onde a mídia ao enfatizar sobre tal momento, destacava isso como lado negativo, principalmente por considerar que Corisco era “dominado por Dadá”, mulher essa que inicialmente foi raptada e violentada aos 12 anos pelo cangaceiro e que depois passou a ser uma aluna tanto em aprender a ler e alfabetizar-se por ele, como a manusear as armas e saber agir nas lutas e fugas. (Correio da Manhã 24/05/1940).

Entretanto, as relações afetivas entre os casais são diferentes. Existem as que são marcadas pelo afeto, imposição, submissão, aventura e fuga dos padrões. Além dos casais já citados e mais comentados (Maria e Lampião/Dadá e Corisco), nem todos os casais tiveram “boas” relações e viveram juntos até 1938 no bando. Muitas mulheres foram mortas pelos próprios companheiros por ciúmes e traições. Como

¹⁹ Canal

Youtube>https://www.youtube.com/watch?time_continue=1493&v=hVXNYWabaMQ&feature=emb_title

por exemplo: “Lídia, Lili, Cristina e Maria Jovina”. (Freitas, Ana Paula Saraiva de. A presença feminina no cangaço: práticas e representações (1930-1940),UNESP, Assis, 2005, p.192.)

Freitas (2005) relatou sobre Lídia que era companheira de Zé Baiano, mas se apaixonou por Bem-te-vi, também cangaceiro, com quem se relacionou durante três anos às escondidas até ser descoberta por outro cangaceiro que os entregou ao Zé Baiano. Como resultado, o amante fugiu e a punição maior aconteceu com a mulher, a morte. Em depoimento, Dadá, relata esse momento cruel, no qual que chama atenção é quando ela destaca “ninguém podia fazer nada, pelo contrário, isso serviu de ameaça” (Dias, José Umberto. Dadá. 2ed. Salvador, EGBA, 1984, p.77) para as demais que ousassem fazer o mesmo ou se recusassem a ter relações sexuais com seus companheiros transgredindo o código do cangaço – de fidelidade.

Mas, como agiam antes com as mulheres?

Ao ter o contato com as fontes sobre o cangaço, quando é relatado sobre a relação com a mulher, a brutalidade e ignorância é algo presente e revoltante, principalmente em casos de ataques às mulheres, violentando-as, espancando-as, humilhando-as em praça pública e torturando-as. Muitas das histórias segundo Freitas (2005), são fontes de memorialistas, onde destacam que muitos desses atos não eram praticados só por cangaceiros, mas por policiais. As mulheres (esposas, filhas e mães) eram usadas como forma de recompensa ou pagamento de dívida pelos inimigos para vingar-se.

Por que elas tinham que levar a culpa e sofrer no lugar de quem era o autor e/ou devedor? Perguntas como essa nos levam a recordar que tais atitudes são para atingir a propriedade do homem por representar a honra dele e assim feri-la.

De acordo com Freitas (2005), foram muitos os casos de violência e barbáries tanto dos cangaceiros como dos policiais, porque existia uma necessidade de mostrar e disputar o poder além da tortura psicológica, causando um terror nas mulheres e sociedade. Porém, com a entrada das mulheres ao bando, acredita-se que tenha sido por esse motivo que muitas decidiram viver na vida de aventura, risco de morte, confronto do que se entregarem para a polícia.

Entretanto, haviam as que se entregavam a fim de garantir a sua anistia social e anistia federal (Freitas, 2005, p. 205). Porém, como resultado de tais práticas

violentas e de afirmações de poder, o “sacrifício das mulheres” destacado por Freitas (2005) ainda é causa de ódio e mágoa de muitas famílias e povo sertanejo.

Com isso, embora tendo vivido diversas situações, essas mulheres conseguiram ainda mostrar um protagonismo único que foi desde o cangaço até a sociedade com a presença e atitudes.

3.2 Protagonismo Das Mulheres No Movimento Cangaço E Na Sociedade Nordeste

Ao apresentar as mulheres cangaceiras e descobrir que mulheres eram essas, existem muitas limitações nas informações e bibliografias por não ser possível o acesso direto às mesmas. Entretanto, com o tempo estão sendo mais desenvolvidas e exploradas através de pesquisadores e historiadores que se interessam por elas e buscam saber mais através de entrevistas, depoimentos colhidos de pessoas que fizeram parte tanto do bando como do período em que o cangaço esteve em destaque, principalmente por ter essas mulheres junto aos cangaceiros.

De acordo com Freitas (2005), elas tinham como principal característica a coragem e cumplicidade entre elas, mas também existia uma certa rivalidade, “uma queria ser melhor que a outra” com as vestes e joias²⁰. Eram mulheres jovens na faixa etária entre 14 a 26 anos de idade. Além de Maria Bonita e Dadá tinham outras chamadas: Dulce, Maria Jovina, Inacinha, Áurea, Sebastiana, Otília, Rosinha, Elonora, Durvinha, Quitéria, Maria Cardoso, Maria Fernandes, Bídia, Lica Maria, Sabrina da Conceição e outras.

Em algumas pesquisas e relatos (Freitas, 2005; Lima, 2010), ao abordarem sobre a entrada das mulheres, se destacam o motivo pela busca de aventura e por admirarem a vida nômade que os cangaceiros levavam junto a uma vida de ostentação das riquezas e diversão constante nas festas que realizavam²¹. Outras buscavam liberdade de escolherem seus próprios companheiros sem interferência familiar. Porém, a vida que as esperava não era fácil. Tinham constantes perseguições dos volantes, não se alimentavam bem por sempre estarem na mata,

²⁰Relato de Dadá em entrevista, Canal Youtube > https://www.youtube.com/watch?time_continue=1493&v=hVXNYWabaMQ&feature=emb_titl

²¹Freitas, Ana Paula Saraiva de. A presença feminina no cangaço: práticas e representações (1930-1940), UNESP, Assis, 2005. (pg.185)

eram uma situação remota. Em entrevista, Aristéia, ex cangaceira, comenta sobre isso e diz não ter saudade desse período e que “o cangaço era uma opção, um estilo de vida” (Lima, João de Sousa. Maria Bonita- diferentes contextos que envolvem a vida da Rainha do Cangaço/ Joao de Sousa Lima; Juracy Marquws (organizadores). Paulo Afonso, 2010, p.163).

E o autor Lima (2010)²² afirma que existiam várias razões para as pessoas entrarem no cangaço, além das ostentações com ouro, roupas bem produzidas e demais ornamentos que serviam de poder material, buscavam uma vida melhor, outros queriam matar a fome e fugir da perseguição da polícia, essa que era quem mais matava e estuprava. Lima (2010) completa ainda que algumas mulheres também achavam o estilo de vida bonito, outras eram raptadas e trocadas por ouro, como foi com Dadá, que depois se apaixonou pelo marido Corisco e morreu em 1994 ainda apaixonada por ele, mesmo já tendo construído e continuado sua vida depois.

A “independência²³” e ação da mulher dentro do cangaço chama a atenção por ser desejo de muitas que até tinham vontade, mas com a dependência e submissão, acabavam não fazendo por medo e conformidade da relação de poder que vivia. O pertencimento e dependência ao homem é um grande fator para isso. No jornal Correio da Manhã, por exemplo, elas são apresentadas como: “a mulher de Antônio da Engracia” (Correio da Manhã 25/03/1933). “A companheira de Lampião” (Correio da Manhã 28/07/1935).

Expressões essas que são reflexos da sociedade para a mídia e vice-versa. A expressão “a mulher de” refere-se a pertencimento, poder. Já a “companheira de” apresenta-se como a que acompanha, dando uma ideia de “relação equilibrada”, de acordo com Freitas (2005). Vale destacar também que essas expressões são reflexos da sociedade autoritária e patriarcal existente e refletida nos jornais e na mídia nacional e regional.

Entretanto, as formas que as mulheres eram expressas pela mídia e sociedade diretamente acabavam escondendo a sua condição feminina, o ser mulher, os

²² Diário Oficial, Maceió, 9 de março de 2009.

²³ Embora muita das vezes tendo que aceitar ordens masculinas, foram elas que no Nordeste chamaram a atenção e protagonismo que abrangeu tanto socialmente como culturalmente.

cuidados com o embelezamento físico, aparência, que eram substituídos pela identidade marginal e agressiva.

Para Rubervânio Rubinho Lima²⁴, a presença da mulher foi um grande marco nesse período do cangaço e nas manifestações da cultura popular tanto nos cordéis como em imagens, obras artísticas, filmes, canções, Literatura e demais espaços que mostram as várias faces do cangaço, principalmente a presença delas nesse contexto histórico.

No cordel é possível observar que os cordelistas enalteciam Lampião como o herói, o “valente” que os sertanejos queriam ser, de acordo com Negreiros (2018), as mulheres só passaram a ser motivo de reportagem depois que Maria Bonita foi atingida por um disparo em 1935, mesmo com a presença de várias mulheres participantes no bando. Já como motivo de reportagens e pesquisas, só quando Maria Bonita morreu em 1938 e se tornou destaque nacional e internacionalmente, sendo referência em grifes, segundo Negreiros (2018).

Ao falarem sobre a mulher no cangaço, o cordelista realçava a sua beleza e apresenta imagens figuradas, se contrapondo ao citado nos jornais que focavam em apresentá-las como cruéis e demais adjetivos.

*Fugiu comigo em nome desse amor
Enchendo meu coração de alegria
Maria Déia, cheia de idéia
Flor nordestina
Na caatinga
Debaixo de um umbuzeiro
Nasceu minha filha Expedita
Lindo anjo vindo do céu
Á iluminar minha vida...
(Sandro Kretus)*

(Lima, João de Sousa, Maria Bonita- diferentes contextos que envolvem a vida da Rainha do Cangaço/ Joao de Sousa Lima; Juracy Marquws (organizadores).Paulo Afonso, 2010.p.98.)

...
Ao Lampião ver Maria
Sentiu logo uma alegria
Viu que ela erbonita
Gostou da mercadoria
Disse: Vá se arrumar
Que hoje vou te levar
Antes de acabar o dia.
 ...
 (Gilvan Santos)

(Souza, Anildomá Willans de. Nas pegadas de Lampião. 1ªed.2004. p. 107)

A mulher marcou o cangaço e esse espaço, porém, só foi notado ao ser fotografada por Benjamim Abraão em 1936, e o cordel se utilizou dessas fotos para criar as artes que representam o cangaço até hoje. Segundo Lima (2010), destacam-se nessas fotografias a preocupação por sempre estarem bem vestidas, com muitos acessórios e uma boa postura que elas sempre apresentavam nas fotografias e registros. Mulheres que chamam a atenção pela estética bem trabalhada se contrapondo à realidade da mulher nordestina na sociedade que não era permitida embelezar-se.

Porém, esses trajes também eram uma forma de hierarquia entre elas, relata Freitas (2005) e entrevista de Dadá,²⁵ através de anéis que variavam de acordo com a importância do homem cangaceiro que ela acompanhava no bando. O vestido era da altura do joelho para representar o poder e a “liberdade” que tinham diferentemente das mulheres da sociedade que ia até próximo aos pés.

Segundo Amaury (2011) elas confeccionavam suas vestimentas, paramentas, com máquinas emprestadas pelos coiteiros. Usavam lençóis e as joias mais ricas no pescoço e anéis em todos os dedos para representar o poder, tratado por Freitas (2005) como poder simbólico.

Depois de mais de 80 anos após a morte de Lampião e alguns integrantes de seu bando, o cangaço permanece vivo na história, principalmente por Lampião ter sido um homem que Lima (2010) defende como o que se destacou por sua

²⁵Canal

Youtube>https://www.youtube.com/watch?time_continue=1493&v=hVXNYWabaMQ&feature=emb_title

coragem, determinação e apoios importantes de alguns coronéis, coiteiros, poderosos de governo e do Pe. Cícero Romão Batista, que o fez permanecer vivo até 1938.

Os cangaceiros e cangaceiras sobreviventes continuaram a vida depois da chacina em 1938, muitos tiveram que buscar lugares afastados para continuarem a viver sem serem perseguidos e assim reconstruírem-na. Depois de muitos anos, Dadá passou a ser uma das principais informantes sobre o cangaço e a presença das mulheres, segundo Lima (2010) ela foi responsável por dar vida novamente ao cangaço, contando histórias que estavam guardadas em sua memória e faleceu em 1994 ainda apaixonada pelo companheiro Corisco mesmo tendo sido casada com outro.

Outra que podemos citar é Ilda Ribeiro de Souza²⁶, Dona Sila, natural de Poço Redondo(SE), companheira de Zé Sereno. Eles foram um dos sobreviventes que conseguiram fugir no dia do ataque da volante na Grota do Angico (SE) no dia 28 de julho de 1938. Foram para São Paulo onde reconstruíram a vida e Zé Sereno trabalhou como funcionário público. Permaneceram juntos até dia 16 de fevereiro de 1981 em São Paulo/SP. Sila publicou um livro intitulado “Sila: Memória de Guerra e paz” (1995) e deixou entrevistas falando sobre a vida no cangaço. De acordo com Lima (2010), Sila faleceu em Guarulhos/SP, dia 15 de fevereiro de 2005 aos 80 anos de idade.

E uma das últimas cangaceiras é Dona Dulce Menezes dos Santos²⁷ (Estadão, 2006). Ela que é natural de SE, aos 14 anos foi negociada por seus parentes e acompanhou o cangaceiro Criança (Vitor Rodrigues Lima) contra a sua vontade. Ficou poucos meses no bando de Lampião, porque entrou no ano de 1938. Esteve presente também no dia da chacina no Angico. Tem poucos relatos e pesquisas sobre ela. Sabe – se que ela casou com um homem chamado Jacó, na cidade de Jordânia e teve 18 filhos, criou 10, sendo 5 homens e 5 mulheres. Não conseguimos encontrar sobre como está atualmente. O último vídeo e pesquisa bibliográfica encontrada foi em 27 de janeiro de 2018

Atualmente Dulce Menezes é a última testemunha ocular do episódio que envolveu a morte de Lampião, Maria Bonita e outros nove cangaceiros e do início da derrocada do cangaço. Apesar de ter passado pouco tempo na lida cangaceira, algo em torno de seis a sete meses, hoje é uma “peça” importante da história brasileira por ser a última remanescente viva

²⁶ Canal Cangaçologia, 07 de dezembro, 2012 ><https://www.youtube.com/watch?v=eFwfZ7JkqVM>

²⁷ Canal Estadão dia 06 de setembro de 2006 ><https://www.youtube.com/watch?v=owyK9JvZ25E>

pertencente ao cangaço lampiônico. (Junior, Geraldo Antônio de Souza, 2018²⁸)

Vale destacar que todas as citadas, em suas entrevistas, apareciam sempre bem arrumadas, com colares, brincos e anéis, falavam bem sobre Lampião, Maria Bonita e seus companheiros e principalmente sobre a fé que tinham em Deus, eram católicos e a religião era algo sagrado, como relata Negreiros (2018),

As orações e rezas também eram constantes no dia a dia da cangaceira Maria. Ela, assim como Lampião, também exercia a prática do catolicismo popular... Em outras palavras, Maria era devota de São Jorge, e também apelava para o sobrenatural na alternativa de superar as derrotas e alcançar as vitórias da vida. (Negreiros, Adriana, 2018, p.53)

Assim, é importante destacar que o protagonismo dessas mulheres antes e depois do cangaço foi e ainda é importante para a história, pois em meio às divergências conseguiram mostrar e marcar a presença com ações e formas de vida jamais vistas e vivida por mulheres no Nordeste e que depois as que sobreviveram continuaram sua história na sociedade, mesmo que afastadas de onde atuaram e residiam, mas que carregaram e carregam em si características e aprendizados para a vida.

²⁸<https://cangacologia.blogspot.com/2018/01/a-ultima-cangaceira-do-bando-de-lampiao.html>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propusemos com esta pesquisa apresentar parte do protagonismo feminino no movimento Cangaço, partindo desse movimento que tinha divergência com as leis e formas de governo que estavam em vigor, principalmente o coronelismo e o abuso de poder do Estado e da polícia, com práticas desonestas para com os mais pobres. Assim, tais realidades e situações influenciaram as atitudes e pensamentos dos integrantes do cangaço.

Foi possível perceber a dualidade relacionada entre cangaceiros e coronéis que contribuíram para o início do cangaço de Lampião, ingresso de alguns homens e mulheres no bando por revolta, como também para o fim desse mesmo cangaço que tinha Lampião e Maria Bonita como os principais representantes e hoje os mais conhecidos. Cangaço que embora mostrasse ser diferente, lutasse pela justiça e liberdade, acabavam muitas vezes reproduzindo atitudes do patriarcalismo e coronelismo no bando, principalmente com as mulheres quando as tratava, por exemplo, como propriedade, eram as que tinham culpa e as punições eram mais severas quando não cumpriam algum acordo. Características e atitudes enraizadas na sociedade que estavam inseridas e que ainda hoje estão presentes.

Por isso, esses debates e pesquisas são fundamentais para desconstruirmos o fato de ‘mulher ser apenas alguém para casar, cuidar da casa, dos filhos e marido’, ‘um ser frágil’, dentre outras características na sociedade considerada avançada e moderna, ainda se faz presente atitudes e expressões antigas e retrógradas, muitas vezes consideradas ‘normais’.

Buscamos então ressignificar a experiência feminina, desmistificando estereótipos e conclusões masculinas que a elas foram atribuídas durante muito tempo. A mulher como companheira e cúmplice, embora algumas tenham sido marcadas pelo uso de violência, mas foram mulheres que aprenderam a agir em lutas, dentro do bando, elas ficaram conhecidas por utilizarem ervas medicinais e emplastos²⁹ quando ficavam feridos; também pela busca e o cuidado com o embelezamento do corpo, delicadeza em meio a um espaço considerado ríspido, e cuidado estético durante o movimento cangaço e depois dele no meio social

²⁹É um remédio caseiro utilizado na pele para amolecê-la e assim acelerar o processo de cura. (<https://www.dicionarioinformal.com.br/emplasto/>)

perpetuando essa liberdade que não era permitida no seio familiar e na sociedade. É importante destacar principalmente o protagonismo dessas mulheres ao romperem com o patriarcado em suas vidas, com a família para seguir e continuar na vida do cangaço, fazendo disso posteriormente uma forma de representatividade que se estendeu até hoje sendo referência de grifes de moda, cultura, turismo, pesquisas e tantas outras representações de mulheres que marcaram e se tornaram protagonistas da história feminina.

Podemos concluir também que a presença feminina foi marcada pelo protagonismo no âmbito social e cultural ao conseguirem ocupar papéis centrais, a exemplo de Maria Bonita, por ser a primeira a entrar no bando e ser a mulher do chefe; Dadá ao tomar a frente do cangaço depois da chacina e Sila, que segundo Freitas (2005) continuou como costureira e trabalhando com bordados.

Cangaceiras, mulheres que conseguiram marcar a história do Brasil por suas novas atitudes, ao começarem participando de algo que era só para e composto por homens, ao manusearem e carregarem armas consigo, ocupando cargos de destaque, onde passaram a utilizar e produzir vestimentas próprias, diferentes e maquiarem – se.

No cangaço existiam regras que tinham o intuito de manter a organização do grupo com punições e violência como forma de fortalecer ideia de ordem, pertencimento, domínio e poder principalmente sobre as mulheres, sendo assim características que podem ser percebidas como forma de repercussão da sociedade externa conservadora.

A mídia foi parte importante ao repercutir as ações e os personagens do cangaço, principalmente a mulher que era tratada de forma homogênea como violentas e criminosas, ou como objetos sexuais ao relatá-las como amantes e em quantidade, escondendo assim sua atuação feminina e diversas qualidades.

É importante destacar ainda que os poemas, cordéis e fotografias chamaram atenção na pesquisa ao apresentar a mulher como um misto de heroína e bandida, mulher firme, de coragem, de embelezamento e preocupação estética, como vai relatar Freitas (2005) na citação a seguir

Salientam a beleza de seus trajes, o uso de vestidos apropriados para o dia-dia na caatinga, e outros para participar dos bailes organizados pelos cangaceiros, além do significativo apreço por jóias e apetrechos diversos, como lenços, presilhas, bornais coloridos, enfim, aspectos que compõem um perfil próprio das cangaceiras. (Freitas, Ana Paula Saraiva de. A presença feminina no cangaço: práticas e representações (1930-1940), UNESP, Assis, 2005, p.220)

Contudo, as análises feitas até aqui nos mostram que dentro desta realidade social composta pelo coronelismo e patriarcado, a presença das mulheres no cangaço serviu como forma de despertar e mostrar também o protagonismo e braveza das mulheres nordestinas, porém não houve rompimento em relação a violência, dominação masculina, patriarcado, machismo e a relação de poder entre os gêneros, como citado através da visão dos autores Bordieu (2002) e Saffioti (2004) destacando essas relações que continuam ligadas a cultura e que ainda é tão presente e forte, na sociedade nordestina.

Acreditamos que este trabalho abre espaço para diversas pesquisas que podem aprimorar ainda mais esse momento na história, com a presença feminina no cangaço e principalmente o que ela representa para a História cultural, social, literária e artística.

REFERÊNCIAS

AMAURY, Antônio Araujo, Corrêa. **MARIA BONITA** - A mulher de Lampião. Salvador-BA. Ed. Alba. 2011.

A mulher no cangaço, 1976. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g6n2ia1Bb04>. Acesso em 30/08/2019
BRITTO, Paulo. **O cangaço e as volantes**: Lampião & Tenente Bezerra. Recife: EDUPE, 2007.

CARVALHO, José Murilo. **Mandonismo, Coronelismo, clientelismo**: uma discussão conceitual. 1997, Rio de Janeiro.

“**Documentário Memória do cangaço**”, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=USvLv6yq6M>. Acesso em 30/08/2019
FREITAS, Ana Paula Saraiva de. **A Presença Feminina No Cangaço**: Práticas E Representações (1930-1940), Unesp, Assis, 2005.

GOMES, Karolina. HACKMAYER, Monika. PRIMO, Virgínia. **Lampião, Virgulino e o mito**: 70 anos do fim do Cangaço. Agenda 2008/eclética - PUC riodigital, Rio de Janeiro, 2008.

KIRK, J. & MILLER, J. (1986) Reliability and validity in qualitative research. Beverly Hills, Califórnia: Sage, *apud* SPINK, M.J.P. (1993) **O estudo empírico das Representações Sociais**. In: SPINK, M.J.P. (org.) O Conhecimento no Cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense.
LIMA, João de Sousa. **Maria Bonita** - diferentes contextos que envolvem a vida da Rainha do Cangaço. Paulo Afonso, 2010

LEAL, Victor Nunes. 1914-1986 - **CORONELISMO - ENXADA E VOTO**: o município e o regime representativo no Brasil. 3º ed.- Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.

LIMA, Juliana Domingos de. **Como era a vida das mulheres no cangaço**. Disponível em <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2018/09/15/Como-era-a-vida-das-mulheres-no-canga%C3%A7o-segundo-esta-autora>. Acesso em 25/09/2019
NEGREIROS, Adriana. **Maria Bonita**: Sexo, violência e mulheres no cangaço. 1ºed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

OLIVEIRA, Aglae Lima de. **Lampião, Cangaço e Nordeste**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Edições Cruzeiro, 1970.

PASSARELLI, Vinícius. **Nepotismo é crime?** Entenda o que é a prática no Brasil. O Estado, 2019. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,o-que-e-nepotismo-no-brasil,70002927233>. Acesso em 10/01/2020

PAIZANTE, Ariane. Almeida, Edlaine. Santos, Gabriel. Ramalho, Joyce. Lage, Luylla. **Revolta do cangaço**. 2010.

PEREIRA, Juliana. **Coronéis e Cangaceiros**. Disponível em: <http://cariricangaco.blogspot.com/2015>. Acesso em 30/10/2019.

PIMENTEL, Matheus. **A história do cangaço: mito, estética e banditismo no sertão**. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/explicado/2018/09/02/A-hist%C3%B3ria-do-canga%C3%A7o-mito-est%C3%A9tica-e-banditismo-no-sert%C3%A3o>. Acesso em 22/08/2019

PINTO, Tales. **A exposição macabra no fim do Cangaço**. Disponível em: <https://alunosonline.uol.com.br/historia-do-brasil/a-exposicao-macabra-no-fim-cangaco.html>. Acesso em 22/11/2019.

PORTELLI, A. **O que faz a história oral diferente**. In: Cultura e Representação. São Paulo: Projeto História, n. 14. Educ.

_____. ALBERTI, Verena (orgs). **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro, Agosto de 2000.

Relações entre os cangaceiros e os coronéis. Disponível em: <https://historiadoscangacos901.blogspot.com/p/as-relacoes-entre-os-cangaceiros-e-os.html>. Acesso em 15/12/2019

RODRIGUES, Natália. **Estado Novo**. Site Infoescola, 2017.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. 1ªed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, p.151

SANTOS, Izequias Estevam dos. **Textos selecionados de métodos e técnicas de pesquisa científica**. 4. ed. rev. atual. e ampl. Rio de Janeiro: Ed. Impetus, 2003. p.359

SANTOS, Antônio T. dos. **Maria Bonita, A Mulher Cangaço**. São Paulo: Luzeiro, reedição, 1986

SILVA, Olímpio Oliveira e. **A Mulher no Cangaço de Lampião**, Jussara, Go- Ufeg, 2010.

SOUZA, Anildomá Willans de. **Nas pegadas de Lampião**. 1ªed. 2004.

_____. **Lampião: Nem Herói, Nem Bandido... A História**, Copyright (c,) 2009 – 4ª Edição, Serra Talhada-AL.

VIANA, Lucas. NETO, Manoel. **Feminino cangaço**. Disponível em: <Link-<https://www.youtube.com/watch?v=wsTCQ7LOeds>>. Acesso em 27/09/2019

Vídeo com a filha de Lampião. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nwHfnAnptgs>>. Acesso em 22/10/2019

WANDERLEY, Andrea C. T. **Lampião e outros cangaceiros sob as lentes de Benjamin Abrahão**. Disponível em: <http://brasilianafotografica.bn.br/?p=9527>. Acesso em 23/10/2019